

ANAIS DO
VI SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES
UNIVERSITARIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo Prof. *Eurípedes Simões de Paula*.

TRABALHO LIVRE E TRABALHO ESCRAVO.

VOLUME I

XLIII

Coleção da *Revista de História* sob a direção
do Prof. *Eurípedes Simões de Paula*.



SÃO PAULO — BRASIL
1973.

ESCRAVOS E ASSALARIADOS NA ANTIGA PESCA DA BALEIA.

(Um capítulo esquecido da história do trabalho no
Brasil Colonial) (*).

MYRIAM ELLIS

do Departamento de História da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade
de São Palo.

Do século XVII ao XIX, capitais particulares possibilitaram o estabelecimento dos antigos núcleos baleeiros e a exploração da pesca da baleia na costa brasileira. *Engenho de frigar*, casa grande da Armação, *campanhas* de baleeiros, capela, senzalas e dezenas de construções erçueram-se nas proximidades dos aglomerados humanos marítimos e lembram o velho engenho de moer cana, para o qual convergiram as múltiplas dependências da antiga indústria açucareira. Concentraram técnicas, aparelhagem e mão-de-obra assalariada e servil, para as arriscadas lidas marítimas a primeira e a segunda destinada às fábricas de beneficiamento do óleo das baleias e aos serviços terrestres, em geral, intensificados e estenuantes à época das *safras*, mais lentos, todavia, no desgaste do capital humano representado pelo escravo incorporado àquela indústria.

•

VISÃO DO INFERNO?

“Inferno dos negros, purgatório dos brancos e paraíso dos
mulatos”

é a idealização do Brasil colonial, segundo o conceito da época que João Antônio Andreoni, o excelente Antonil, divulgou para a posteridade. Ao evocar a vida dos negros nos canaviais e engenhos e na mineração do ouro, esqueceu-se, todavia, o bom jesuíta de in-

(*) . — Comunicação apresentada na 3ª sessão de estudos, Equipe A, no dia 8 de setembro de 1971 (*Nota da Redação*) .

cluir em sua obra aquêles que, de ano a ano, se extenuavam no meio dos entrepostos baleeiros da costa brasileira. Ali se beneficiava, desde o início do século XVII, o toicinho das baleias, para apuração do óleo de iluminação consumido na colônia. Era ali o próprio inferno de negros e brancos e dos mulatos também.

A primeira associação da idéia do Inferno àquela indústria decorre da imagem de um antigo engenho de frigar baleias da Bahia seiscentista que nos lega Brito Freire na sua *Viagem da Armada da Companhia do Commercio e Frotas do Estado do Brasil* (1). Assim diz êle:

“Fregem-no (o toicinho) e derrete-se nas caldeiras, que ardem dia e noite, em uma casa, e dissera melhor em um inferno, pelo perpetuo fogo, espesso fumo, nossivo fodor, e negros nús, que gateadas as carnes com labores ou manchas sem ordem, de certo barro, para despegarem a grossura, crusando a todas as partes, em beneficio deste trabalho, com ganchos de ferro e instrumentos semelhantes, fazem a propria figura de ministros de Satanás, ou de almas danadas.

Distilada a substancia do toicinho, se conserva liquida, e segundo a Baleia é maior ou mais pequena, dá trinta até quarenta pipas de azeite que alem de ter muito serviço para usos diferentes, alumia todo o Brasil (...).”

Fortuita e rápida visão de cruel realidade. Incompleta, todavia.

Do depoimento do administrador da Armação de Nossa Senhora da Piedade, em Santa Catarina, em 1817, Jacinto Jorge dos Anjos Correia, salta aos olhos outra imagem da áspera e trabalhosa vida dos escravos nos entrepostos baleeiros de outrora, sucursais daquele inferno dos negros que era o Brasil colonial.

“(...) A grande distancia em que estão aqui as lenhas e o imenso trabalho que dão em se conduzirem para esta Armação em forma que não chega aqui pau que deixa de ser muitas vezes lavado com suor dos escravos ocupandose com desvelo neste duro e pesado serviço, todo o tempo que medeia de uma a outra pesca, sem ter outra derivação, me afligia sumamente e fazia compadecer muito da pobre escravatura, olhando ao mesmo tempo para os poucos matos que já haviam; estas circunstancias ocupavam

(1). — Freyre (Francisco de Brito), *Viagem da Armada da Companhia do Commercio e Frotas do Estado do Brasil, A cargo do General Francisco de Brito Freyre*. Impressa por mandado de El Rey Nosso Senhor, Anno 1655. In apêndice à “Nova Lusitânia, História da Guerra Brasília”; p. 23 e 24.

ha muito a minha consideração a ver se descobria moda de se gastar menos lenha em frigar o toicinho das baleias (...)” (2).

Quanto ao inferno dos brancos e dos negros forros e mulatos livres dos entrepostos baleeiros, era no mar que se encontrava, durante os terríveis embates da arriscada pesca das baleias, a que muita gente era forçada e de que muitos vinham doidos ou feridos, ou então jamais voltavam.

A êsse seria, em geral, poupado o negro escravo. Reservaram-no, de preferência, às rudes fainas terrestres, desde a remoção e o retalhamento das baleias mortas à apuração, beneficiamento e acondicionamento do óleo em grandes reservatórios e em pipas e barris destinados à exportação para Lisboa, à iluminação de engenhos de açúcar, residências e fortalezas e à fabricação da argamassa para as construções mais sólidas. Nas fainas terrestres inclui-se, ainda, o tratamento das barbatanas destinadas às manufaturas e ao comércio europeus — do vestuário, notadamente. E demais serviços subsidiários requeridos pela indústria baleeira. O escravo, investimento de capital, melhor seria não desgastá-lo ou perdê-lo na caça aos leviatãs. De inferno já lhe bastava o cativeiro em terra firme, ainda mais extenuante na estação da pesca, de junho a setembro.

Por aí se infere ter sido a indústria baleeira do passado, no Brasil, um dos mais amplos setores da coexistência do trabalho escravo e do assalariado na sociedade colonial, em que, por via de regra, o primeiro praticamente açambarcava todas as atividades braçais.

Serviços remunerados nos entrepostos de pesca de baleias, por deficiência dos cativos em número e em aptidões e por poupança, couberam aos oficiais mecânicos — ferreiros, carpinteiros, pedreiros, tanoeiros, calafates e outros — e especialmente aos baleeiros — arpoadores, timoneiros e remeiros, recrutados entre as populações litorâneas das vilas vizinhas, geralmente, que ali nas armações encontravam campo aberto ao seu trabalho. Administradores, feitores, cirurgiões e capelães também se enquadram no âmbito do trabalho assalariado.

Elevados eram os preços de aquisição dos negros nos mercados baiano e fluminense, a que se acresciam os gastos com a sua manutenção, como se verá mais adiante. Menos onerosa era a remuneração.

(2). — Carta datada da Armação da Piedade, a 18 de setembro de 1817, ao Administrador geral da pesca da baleia. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro — Junta de Comércio — Caixa 360 — Real Administração da Pesca da Baleia.

ração do braço livre, por periódica e temporária e isenta de encargos e responsabilidades. O negro representava capital material e humano sobre o qual assentava a indústria do óleo de baleia, tal como sucedia com a do açúcar, em que o escravo era “as mãos e os pés do senhor de engenho”, segundo Antonil, e a da mineração. Nestas, açúcar e mineração, contudo, não se entreabriram ao trabalho livre as mesmas possibilidades.

A propósito, convém lembrar que a História econômica do Brasil não se restringe apenas às grandes linhas — pau-brasil, açúcar, mineração ou gado. Merecido destaque cabe, também, às atividades menores ou secundárias, entre as quais a pesca da baleia, pelas perspectivas que podem oferecer àquele estudo, bem como ao do trabalho escravo e assalariado no passado.

*

JACINTO DOS ANJOS, UM ARISTOCRÁTICO ADMINISTRADOR DA PESCA DA BALEIA.

A ARMAÇÃO DA PIEDADE. A PESCA DA BALEIA NA COSTA MERIDIONAL BRASILEIRA NO SÉCULO XIX.

Da abundante e variada documentação do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, relativa à indústria baleeira do Brasil de outrora, destaca-se a da Real Administração da Pesca da Baleia (Junta de Comércio — Caixa 360). São centenas de manuscritos de apreciável valor documental para a reconstituição da vida econômica e social do litoral brasileiro no passado. Dêstes, cumpre destacar a correspondência dos administradores daquela pesca, valiosa pelas notícias que registram, especialmente sobre a mão-de-obra escrava e a livre e o trabalho servil e o assalariado, nos entrepostos sob a sua direção. Especial menção cabe à do punho de Jacinto Jorge dos Anjos Correia, administrador da Armação de Nossa Senhora da Piedade, em Santa Catarina, a maior daquela costa, almoxarife da Intendência e Armazéns Reais da Capitania e autor de preciosa memória sobre a indústria baleeira no Brasil, desde os primórdios (3).

A presente comunicação sobre o trabalho escravo e o livre nos antigos núcleos baleeiros do Brasil meridional pretende divulgar parte daquela correspondência, quer pelo seu valor histórico, tanto pelo pitoresco do seu conteúdo informativo.

(3). — In Monsenhor José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo, *Memo-
rias Históricas do Rio de Janeiro*, vol. 9º, p. 260 e segs. Instituto Nacional do
Livro, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1948. A memória data de 1820.

E' nosso objetivo possa esta contribuição servir, no futuro, aos que se dedicarem ao estudo da história do trabalho no Brasil, da escravidão ao trabalho livre; como à do comércio e navegação de cabotagem e suas implicações na ocupação e na vida cotidiana do litoral brasileiro de outrora, de que restam, ainda hoje, algumas reminiscências.

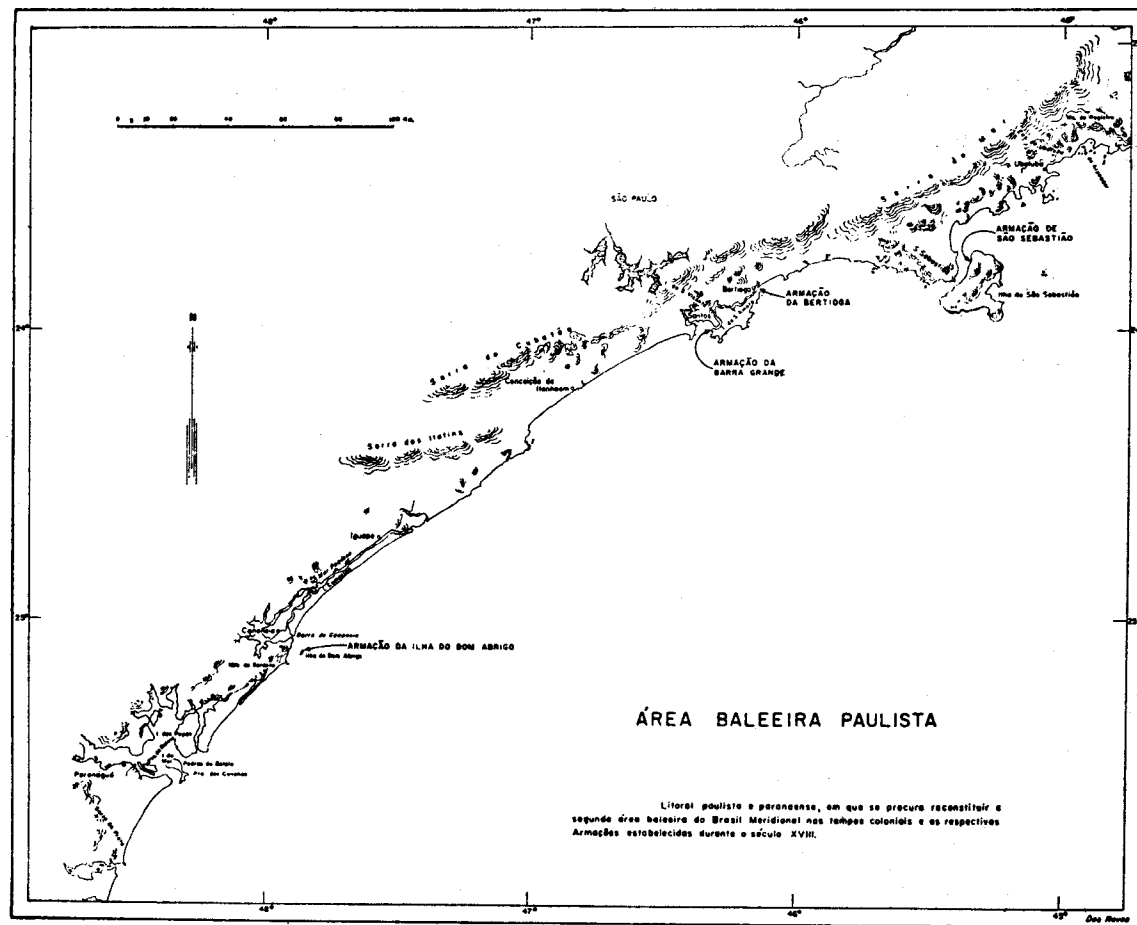
Jacinto Jorge dos Anjos Correia, como se assinava, é o mesmo capitão Jacinto São Jorge que aparece na obra de John Mawe, *Via-gens ao Interior do Brasil...* (4), impressa pela primeira vez em Londres, em 1812. Homem cortês e afável, havia muitos anos que vivia, principescamente, junto à Armação, em sua vasta propriedade que a todos franqueava com notória magnanimidade.

Segundo o viajante, era a Armação uma aldeia localizada na extremidade de uma baía, distante nove léguas de São José e quatro de Santa Cruz e

“(...) posto de pesca de baleias, a principio muito numerosas nesta costa e nas baías que a recortam. A indústria da pesca foi arrendada pelo Govêrno a uma companhia superintendida por um major (...)”. “Neste pôsto trabalham cento e cinquenta negros, mas a quantidade de baleias que apanham agora è inferior à dos primeiros tempos, quando a média atingida variava de trezentas a quatrocentas por estação de pesca. O processo de recolher e retalhar o peixe (sic) é eficiente e bem imaginado. Varios molhes estendem-se pelo mar a dentro, numa profundidade de dezoito a vinte pés, e sôbre êles se erguem cabrestantes, guindastes e as demais máquinas necessárias. Para aí traz-se todo o peixe apanhado na costa. A casa da caldeira, os tanques, etc., são muito superiores aos das docas da Groenlandia e, na verdade, semelhantes em tudo aos estabelecimentos similares da Europa. Para dar idéia da sua grandeza, é suficiente dizer que só de um lado existem vinte e sete caldeiras enormes, havendo, ainda, espaço para tres outras. Os tanques são enormes reservatórios em forma de abóbada, em alguns dos quais um bote pode mover-se com facilidade. Conseguimos observar êstes grandes trabalhos, graças à gentileza do comandante, Capitão Jacinto São Jorge (...)”.

Erguera-se aquele entreposto baleeiro por volta de 1740, 1742, concomitantemente com a construção das fortalezas de Santa Cruz, na pequena ilha de Anható-mirim, de Ponta Grossa na barra norte da Ilha de Santa Catarina, construída em 1740, e da ilha dos Ratoes. Associado à obra de povoamento e de defesa do litoral cata-

(4). — Tradução de Solena Benevides Viana. Rio de Janeiro, 1944. Ed. Zélio Valverde, p. 64.



(Fig. 6)

rinense, estaria concluído até 1746. Construiu-o o comerciante estabelecido no Rio de Janeiro, Tomé Gomes Moreira, no continente, à beira de uma enseada próxima à ponta de terra firme que se defronta quase a leste-oeste com a ponta setentrional da Ilha de Santa Catarina, ou melhor, à entrada da baía, ao norte da Ilha, no distrito da freguesia de São Miguel, ao norte da fortaleza de Santa Cruz. Denominou-se Armação Grande ou de Nossa Senhora da Piedade, padroeira da capela erigida em 1745, pelo comerciante e contratador do real monopólio da pesca da baleia naquele litoral. Foi a primeira, a maior e a mais importante armação catarinense e núcleo de uma freguesia que, nos meados do século XIX se formou nesse local, com o nome de Armação da Piedade. Inaugurou a indústria baleeira no litoral catarinense e foi ponto de partida de novas feitorias posteriormente estabelecidas naquela região, entre 1765 e 1801, as de Lagoinha, a sudeste da Ilha de Santa Catarina, Itapocoróia, ao norte do rio Itajaí, Garopaba, ao sul do rio Embaú, e Imbituba, no termo da vila de Laguna. E a da Ilha da Graça (1807), à entrada setentrional do canal de São Francisco.

As cartas de Jacinto Jorge, datadas de 1816 e 1817, destinam-se ao senhor Joaquim Antônio Alves, Caixa e Administrador geral da pesca da baleia nas capitanias do sul, membro de um consórcio de comerciantes que, desde 1815, se dispusera a explorar, por prazo de doze anos, a indústria baleeira no litoral meridional brasileiro: a arrendar os entrepostos ali existentes desde o século anterior, investir capitais para reerguê-los do abatimento em que se encontravam e fornecer *azeite de peixe* ao povo, às luzes dos corpos de guardas, à iluminação pública da cidade do Rio de Janeiro e repartições oficiais, ao arsenal de Marinha e à fabricação de embarcações de Sua Majestade (5). A êle coubera a direção do negócio, mediante procuração dos demais sócios que lhe conferiram ilimitados poderes (6).

Não obstante a extinção do secular sistema de contratos da pesca da baleia no Brasil (alvará de 24 de abril de 1801), vira-se compelida a Fazenda Real àquela concessão que implicava, de certa forma, no retorno ao antigo monopólio.

A falta de capitais, o desapôio do Estado, as técnicas rotineiras e a desenfreada concorrência de ingleses e norte-americanos no Atlântico sul haviam levado, todavia, à decadência as feitorias baleeiras

(5). — Arquivo Nacional do Rio de Janeiro — Junta de Comércio — Caixa 360 — Real Administração da Pesca da Baleia — Documentos Auxiliares da Conta de Jacinto Jorge dos Anjos.

(6). — *Idem*, "Autos da contenda entre os sócios e o Caixa Geral da Real Administração... Joaquim Antonio Alves — 1819".

meridionais do Brasil e, praticamente, de nada lhes servira a liberdade concedida àquela indústria fadada à estagnação.

Apesar da concessão da pesca, em 1815, ao consórcio acima referido, as condições não se alterariam.

As reduzidas safras baleeiras e a conseqüente crise da produção do óleo de baleia ocasionada pela concorrência estrangeira às feitorias do óleo brasileiras e as exigências do consumo determinaram, a partir de 1817, a importação do *azeite de peixe* estrangeiro pelo Rio de Janeiro, permitida com a abertura dos portos em 1808 (carta régia de 28 de janeiro), facilitada pela supressão do monopólio da pesca da baleia em 1801 (alvará de 24 de abril) e favorecida pelo Tratado de Comércio de 1810 com a Inglaterra e pela posterior influência inglesa no Brasil independente. Deveria pagar o produto estrangeiro naquela alfândega 24% sobre o preço corrente de 320 réis a medida e o proveniente de barcos ingleses 15% apenas!

Inicialmente tolerada a livre entrada do óleo estrangeiro de baleia no Brasil, acabou por colidir tal concessão com os interesses do contrato efetuado com aquele consórcio — contrato da Real Pescaria de Baleias — cujo parágrafo 5.^o estipulava a exclusão de qualquer outra negociação de tal natureza, destituiu-o daquele privilégio e determinou a sua encampação (em 1825) e o fim da indústria baleeira do Brasil meridional, cujas armações jamais se reergueriam.

As cartas do afidalgado administrador da Armação de Nossa Senhora da Piedade acrescentam-se outras dirigidas ao mesmo destinatário e da lavra de Vicente Joaquim de Macedo, João da Costa, Ignácio José Ferreira Coutinho, administradores das Armações de Itapocoróia, Bertioga, São Sebastião, respectivamente. Sobre estes, nada nos ocorre dizer em especial, infelizmente, por ausência de informações. Todavia, quanto às Armações sob a sua direção — a palavra decorre da expressão “armar pesca” — a de Itapocoróia, no litoral catarinense, ao norte do rio Itajaí, que data de 1718, foi construída após a retirada das tropas invasoras castelhanas. As de Bertioga e de São Sebastião, no litoral paulista, a primeira, ao norte da ilha de Santo Amaro, data de meados do século XVIII e a segunda, ao norte de Ilha Bela (Ponta das Canas) ergueu-se em 1734 e inaugurou a pesca da baleia naquela costa.

Merecem referências as Armações de São Domingos, na Vila Real da Praia Grande — Niterói — para ali transferida em meados do século XVII, e a de Garopaba, no litoral catarinense (ergueu-se entre 1793 e 1795) ao sul do rio Embaú e da Enseada do Brto, ao pé do morro de Garopaba.

Deixamos de lado as cartas de seus administradores, Manoel Marques Guimarães e Miguel Gonçalves dos Santos, respectivamente, bem como outras mais do próprio Jacinto dos Anjos, por reiteração de informações.

*

NO RUMO DO CALVARIO. PREÇOS.

Monjolos, Congos, Minas, Angolas, Benguelas e Cabo-Verdes, descarregados dos tumbeiros, desembarcavam os cativos nos principais portos do Brasil — Salvador e São Sebastião do Rio de Janeiro. Seguia-se a quarentena de praxe, finda a qual eram expostos à venda, como gado, nos mercados de escravos. A administração da peça das baleias adquiria os que melhor lhe parecessem. Repartia-os e os embarcava em sumacas e bergantins, rumo aos entrepostos de pesca baianos, fluminenses, paulistas e catarinenses, a que se destinavam. Ali arribavam depois de precária navegação de cabotagem, caso não sucumbissem durante o percurso, por moléstia, fraqueza ou fadiga.

Muitos — negros e negras, melhor, *machos* e *fêmeas* — desembarcavam em péssimas condições físicas. Prevalciam em número os *machos* em relação às *fêmeas*. Consequência do tipo de trabalho nas armações e porque segundo certo administrador da de São Sebastião, Ignácio José Ferreira Coutinho, as "*fêmeas*"

"(...) he hum genero que vem sempre prenhes ou paridas, serviço muito pouco e a razão infalivel (...)" (7).

O escravo destinado às fábricas de óleo era a mais valiosa mercadoria do comércio de cabotagem promovido pelo real contrato da pesca da baleia.

Assim, onze escravos adquiridos de Joaquim Antônio Rebelo, em 1816, para a Armação de São Domingos (Niterói), custaram 1:442\$000. Quarenta de nação moçambique, a 113\$000 a *peça*, comprados a João Ribeiro Dimas, para a Armação de Santa Catarina, alcançaram 4:520\$000, na mesma ocasião. Dezenove ao Bergantim *Deligência*, recém-chegado de Cabinda, 2:337\$000, pagamento em quatro meses, importando cada negro em 123\$000. Um cedido pelo valor de 115\$200 em resgate de dívida de Manoel Gordo, *corta-*

(7). — Carta ao Capitão Joaquim Antônio Alves, de 14 de maio de 1817. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro — Junta de Comércio, etc.

dor do contrato das carnes, para com a administração geral da pesca da baleia, destinado à Real Pesca. Eram êsses os seus preços em geral. Mas atingia cifras mais altas: 148\$800 um bom negro adquirido a Manoel Francisco de Oliveira.

Escravas, com ou sem *crias*, também participavam da vida de cada feitoria baleeira. Duzentos e quarenta mil réis custaram duas negras que vendeu no Rio de Janeiro o mesmo Joaquim Antônio Rebelo à Administração baleeira. E, 128\$000 a escrava ladina, Maria, de nação benguela, vendida, em 1818, em São Domingos, por D. Ana Maria Roiz, ao pôsto baleeiro, isenta de ônus — penhora ou hipoteca — em perfeita saúde e com habilidades ou *manhas que nela se acharem*. Com a obrigação do Administrador, Joaquim Antônio Alves, pagar a meia sisa pertencente aos direitos reais e de ficar a escrava daí por diante incorporada ao Real Contrato da Pesca das Baleias, com o destino de *tomar o estado de casada* com um dos escravos do Contrato, merecedor de tal prêmio, fato freqüente naqueles entrepostos de pesca.

Ainda. Em meados do século XVIII, na Armação de Bertiooga, um negro, oficial de tanoaria, de quarenta anos de idade valia 150\$000. Cortadores de baleia atingiam 130\$000 e 140\$000, conforme a idade e o vigor físico.

A Armação de Nossa Senhora da Piedade dispunha, em 1816, de um patrimônio de noventa e três escravos, catorze escravas e dezoito crioulos menores ou *crias*, tudo avaliado em 7:288\$200.

Escravos de maior preço eram, geralmente, os mais jovens e os mais fortes e os amestrados em algum ofício. Quanto às escravas, quase sempre casadas ou viúvas, as mais moças alcançavam melhor cotação no mercado. Uma mocetona de dezenove ou vinte anos valia 100\$000 a 115\$000. E até mais (8).

*

ESCRavidÃO E TRABALHO.

Na Armação, eram os negros integrados ao contingente humano encarregado dos rudimentares e rotineiros serviços diários: retalhamento das baleias, remoção de postas de carne, beneficiamento do toicinho, tratamento das barbatanas, desbastamento das matas, corte e transporte de lenha para abastecimento das fomalhas do en-

(8). — A. N. R. J. — Junta de Comércio, etc. Inventários das Armações de Santa Catarina, de Bertiooga, São Sebastião e São Domingos — 1816-1820.

genho de frigar, manêjo e limpeza de caldeiras e apetrechos necessários ao funcionamento da *fábrica*, derretimento da banha e canalização do óleo para os reservatórios e posterior acondicionamento em pipas e mais atividades. Serviços suficientes para qualificá-los como vítimas de um dos mais rudes cativeiros, comparável ao das minas ou dos engenhos de açúcar.

Eram, ainda, marujos, *patrões de lanchas*, remadores, timoneiros, ferreiros, carpinteiros, tanoeiros, pedreiros, calafates, caldeireiros, barbeiros, *do serviço da casa* e de todo o serviço... Também acumulavam funções, como as de *mestre de azeite* e carpinteiro ou remeiro, de calafate e pedreiro e *cortador de cima da baleia*, de oficial de pedreiro e de *cortador da praia*, de remeiro e *ganxeiro* (9).

Não obstante tão pesado quão áspero cativeiro, era o escravo, nas Armações, destinado, em geral, quase exclusivamente às atividades terrestres. Capital humano, tanto melhor seria prevenir-lhe o desgaste e reservá-lo ao manêjo dos instrumentos de remoção das baleias capturadas, ao retalhamento ou *desmancho* das mesmas, ao *beneficiamento* do toicinho, à confecção de cordas ou à fabricação de pipas e barcos e ao trabalho nas forjas e a outros misteres, do que arriscar-lhe a vida no mar. Eis porque, no Brasil meridional especialmente, sua mais ampla participação nas atividades baleeiras propriamente ditas restringiu-se às funções de remador das lanchas de pesca e do socorro em substituição ao assalariado quando necessário. Chegou a *patrão de barco* ou timoneiro e raras vezes a arpoador.

A mais penosa cota de trabalho que lhe coube consistiu na manutenção do fogo na *oficina das fornalhas* — tal como na indústria do açúcar — e na apuração do azeite no engenho de frigar.

Na oficina das fornalhas o toicinho das baleias fundia durante dez ou doze horas, em enormes caldeiras de cobre ou ferro, de cinquenta ou mais arrôbas, as maiores, ao intenso e contínuo crepitar do fogo sob as grelhas. A apuração do óleo processava-se em ambiente de elevada temperatura e de acre e nauseabundo odor, saturado de gorduroso vapor e espessa fumaça.

Arduo serviço era, ainda, ienhar nas matas da Armação, conforme testemunha, penalizado, o administrador Jacinto Jorge dos Anjos Correia em carta à direção geral daquela indústria.

Outra modalidade de escravidão existiu, ainda, nos antigos núcleos baleeiros do Brasil. Homens sentenciados a trabalhos forçados

(9). — Ellis (Myriam), *A Baleia no Brasil Colonial*. Edições Melhoramentos e Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1969, p. 97 e segs.

— brancos, mestiços e negros fôrros — os *escravos da pena*, postos a ferros e sob a mais estrita vigilância, também foram incluídos aos serviços das *fábricas* e às lanchas de pesca. Em caso de insubordinação, cabia aos feitores e administradores submetê-los à força de armas (10).

As Armações não faltaram as ferragens do cativo, grilhões, algemas, correntes e argolas, colares de ferro, ferropéias, troncos e palmatórias. Sugerem coerção e castigos corporais que chegaram a provocar fugas e incidentes violentos com trágicos desfechos. É o caso da tragédia da Armação de Bertioja, ocorrida em meados do século XVIII, quando um grupo de escravos rebelou-se, investiu contra os feitores e, a golpes de faca, feriu um e assassinou outro (11).

★

ASSOCIAÇÃO AO TRABALHO ESCRAVO: OS SERVIÇOS REMUNERADOS.

Nas Armações, ao negro, por via de regra poupado ao mar, caberia a maior parte dos serviços terrestres. Ao assalariado — branco, mulato, negro fôrro ou índio, que também participou daqueles serviços — atribuíram de preferência, os administradores as fainas marítimas da pesca da baleia. Destarte associaram-se na indústria baleeira o trabalho cativo e o livre, escravos e assalariados.

Curioso aspecto de remuneração do trabalho escravo é o que se verifica na Armação, quando, na época das safras baleeiras, os administradores alugavam negros, se insuficiente fôsse o número dos que dispunham para apuração e beneficiamento do azeite e mais serviços. A Armação de São Domingos, por exemplo, em 1816, alugou seis, a 160 réis diários cada um, para limpeza de um reservatório de óleo. Era a quanto montava, na ocasião, o jornal de um escravo alugado pelo seu dono habituado a beneficiar-se com o aluguel de seus *negros de ganho* (12), prática sistemática da época da escravidão.

A mão-de-obra remunerada para atendimento das Armações era recrutada entre as populações litorâneas de pescadores e pequenos agricultores de ínfimo nível de vida e destinada, de preferência,

(10). — *Idem*, p. 102. Ellis (Myriam), *As Feitorias Baleeiras Meridionais do Brasil Colonial*, vol. I, São Paulo, 1966. Impressão particular em multilite, p. 240, nota 33.

(11). — Ellis (Myriam), *A Baleia*..., p. 102.

(12). — A. N. R. J. — Junta de Comércio, etc. Despesas Gerais

a integrar a tripulação das lanchas baleeiras nas lides marítimas da pesca dos cetáceos.

A falta de voluntários para pilotar tais embarcações, empunhar remos ou arpões, recorriam os administradores aos cárceres e às milícias, onde obtinham, com permissão das autoridades e com os privilégios que lhes conferia o real monopólio, uma mão-de-obra forçada àquêles trabalhos marítimos.

Não poderiam furtar-se a participar da pesca das baleias, a que seriam coagidos pela administração do contrato, todos os homens aptos — os soldados inclusive — a exercer funções de remeiros, timoneiros e arpoadores, mediante remuneração, sob pena de incorrerem em rigorosos castigos por ordem dos governadores e dos provedores da fazenda real. E ninguém poderia desviá-los da pesca e da *fábrica* durante a safra baleeira, tampouco as embarcações e os apetrechos de que se serviam (13).

As próprias Armações e a Administração geral da pesca da baleia, instalada no Rio de Janeiro também forneciam baleeiros aos núcleos pescadores onde escasseasse o elemento humano para o mar.

Os homens que exerciam atividades terrestres percebiam salário ou jornal, variáveis segundo suas aptidões, gênero de trabalho, tempo dispendido e as necessidades de cada Armação. Assalariados eram, por exemplo, tanoeiros, ferreiros, feitores e outros empregados da Real Pesca das Baleias, de preferência àquêles que dominavam um ofício ou se revelavam aptos a dirigir escravos.

Aos feitores cabia, além do ordenado, uma importância correspondente ao alimento consumido e designada por *comedorias*. Assim por exemplo, Francisco Martins, feitor da Armação da Lagoinha, em 1816, recebeu 25\$000 ao fim de cinco meses de trabalho e mais a importância de 10\$000 das tais *comedorias* (14).

Jornaleiros podiam ser todos os operários das Armações: carpinteiros, calafates, pedreiros, serradores e falquejadores. O ganho diário variava entre 1\$280, \$960, \$900, \$800, \$640, \$480 e \$240 réis (15).

Os baleeiros: arpoadores, timoneiros e remeiros não percebiam remuneração fixa. Seu ganho, incerto, decorria do número de baleias capturadas (16).

(13). — Ellis (Myriam), *A Baleia*..., p. 146.

(14). — A. N. R. J. — Junta de Comércio etc. — Despesas da Armação da Lagoinha — 1816-1817.

(15). — A. N. R. J. — *Idem* — Conta dos Jornais de Carpinteiros que trabalharam na Catraia Conceição, de Bertioga até 27 de novembro de 1816.

Na Armação de Itapocoróia, nos primeiros anos do século XIX, por exemplo, os arpoadores recebiam 3\$000, os timoneiros, 1\$000, remadores e tripulantes da lancha de socorro, \$800 cada um, por baleia arpoada. Pequenos agricultores de reduzidas posses, finda a estação da pesca, em agosto ou setembro, não retornavam de imediato ao amanho da terra. Imprevidentes, alguns, preferiam esbanjar até o último vintém o dinheiro tão penosamente ganho, entregando-se à vadiagem e à bebida (17).

Quando pouco rendosa era a pesca e o ganho ínfimo ou nenhum, ficavam os baleeiros a dever à Armação o adiantamento retirado para o seu sustento, sacado sobre o trabalho que se obrigavam a realizar no ano seguinte (18).

Destarte, nem sempre acessível era a mão-de-obra livre para a faina marítima. Além disso, empreendimento assás arriscado, *penoso serviço* (19), a atividade baleeira atemorizava pelos riscos que oferecia. Arpoadores pereciam no mar. Timoneiros e remeiros quando não desaparecidos, regressavam à terra feridos ou inválidos. Vigor físico, intrepidez e arrôjo quase inconscientes e próprios de indoles irrequietas e aventureiras requeriam os serviços daqueles que se dedicassem voluntariamente à incerta e insegura vida de baleeiro.

Os administradores da pesca da baleia, à falta de mão-de-obra para o mar, valiam-se de todos os recursos, a fim de completar as tripulações das lanchas baleeiras e apelavam para as cadeias públicas não somente com o propósito de arregimentar homens, como principalmente para buscar baleeiros presos. Solicitavam, então, às autoridades a suspensão das penalidades impostas aos desordeiros de-

(16). — Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo — Maço 24, Tempo Colonial (1819-1822. Militar. C. Militar e Capitão-Mor de São Sebastião e Vila Bela) Pasta 1 — Doc. 26. Ofício do Cap. Mor de São Sebastião, João José da Silva Costa ao Capitão-General de São Paulo; 11, junho, 1819.

(17). — Saint-Hilaire (Auguste de), *Extraites des Nouvelles Annales des Voyages. L'île de Saint-François et la Pêcherie d'Itapocoroia (Fragments de la partie inédite de Voyages de M. ...)*, A. Pihan de La Forest, Imprimeur de la Cour de Cassation, S/D, p. 35.

(18). — Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo — Maço 23, Tempo Colonial (1721-1818 Militares. C. Militar e Cap. Mor de São Sebastião e Vila Bela), Pasta 2, Doc. 74, Ofício de José Antonio dos Reis, Administrador da Armação de São Sebastião ao Capitão-General de São Paulo, 11 de dezembro de 1808. *Idem*, Pasta 4, Doc. 67, Ofício de João José da Silva Costa, Capitão-Mor da Vila de São Sebastião, 8 de janeiro de 1818.

(19). — D. A. E. S. P. Anexo ao documento do Maço 24, T. C. Pasta 2, Doc. 53, Petição de Joaquim Fernandes, soldado de ordenança ao Capitão-Mor da Vila de São Sebastião, S/D.

tidos, para fazê-los regressar às Armações. Baleeiros, ali matriculados isentavam-se de recrutamento dos serviços da ordenança.

Entre os que viviam de *baleiar* muitos eram socialmente desajustados, vadios, indisciplinados, irrequietos e arruaceiros. Assíduos freqüentadores de tavernas, embriagavam-se freqüentemente e relutavam em regressar às lides marítimas quando se lhes impunha, razão pela qual se proibiam aquêles estabelecimentos nas imediações dos núcleos baleeiros, bem como a venda de aguardente das engenhocas próximas e não hesitavam os Administradores das Armações em mandar prendê-los naqueles estabelecimentos, se necessário fôsse, e embarcá-los à viva força nas lanchas de pesca, para o que dispunham de autoridade conferida pela Corôa. Eram as tavernas motivo de constante preocupação para aquêles funcionários do Real monopólio, pela inquietação que provocavam e fascínio que exerciam sobre baleeiros e escravos, atraindo-os para *maus fins*. E aos Capitães-mores e Capitães-generais requeriam, ainda, os Administradores, ordenanças cujo embarque chegavam a coagir, sob ameaça de prisão. Sem aptidão nem interesse por aquela atividade, eis porque, ao aproximar-se a temporada da pesca muita gente fugia ao ser requisitada pela Armação. E os próprios Capitães-mores hesitavam em desviar para os núcleos baleeiros milicianos, gente das companhias de ordenanças e trabalhadores em atividade. E talvez até dificultassem, ou mesmo impedissem a sua ida (20).

Era o que sucedia nos primeiros tempos do século XIX, na época das pescarias, na região de São Sebastião e Vila Bela da Princesa, para cuja Armação da Ponta das Canas eram escalados e alis-

(20). — Ellis (Myriam), *A Baleia...*, p. 104. D. A. E. S. P. — M. 23, T. C. — P. 2 — Doc. 73 e 74. M. 24, T. C. — P. 4 — Doc. 6. P. 2 — Doc. 27, 25, 32, 53. P. 3 — Doc. 48 e 23. P. 1. — Doc. 43, 26. M. 22, T. C. (1789-1822 — Militares de Santos, Comandante do Batalhão de Caçadores, Marechal Cândido Xavier de Almeida). P. 1 — Doc. 25. M. 73, T. C. (1721-1822 — Poder Judiciário, Ouvidor e Juizes de Santos, Cananéia, São Sebastião, Ubatuba, Conceição de Itanhaém, Iguape). P. 2 — Doc. 4. M. 10, T. C. (1721-1822 — Offícios das Câmaras de Santos, São Vicente, São Sebastião, Vila Bela e Ubatuba). P. 4 — Doc. 11. Livro manuscrito nº 154, T. C. (1820-1822) "Registro de Offícios p/ Estradas. No govêrno do Gal. João C. A. de Oeynhausen e Govêrno Provisório", fls. 69.

Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo". Vols. 72, (D. A. E. S. P., São Paulo, 1952) Offícios de D. Luís Antônio de Sousa de 25 de agosto e de 16 do mesmo de 1765 e 75 (*Idem*, São Paulo, 1954), Offício de Martim Lopes de Saldanha, de 15 de maio de 1776.

"Condiçoens do Contrato da Pescaria das Baleyas nas Costas do Brasil e Ilhas a ellas adjacentes arrematado na Secretaria de Estado dos Negocios da Marinha e Dominios Ultramarinos. A Ignacio Pedro Quintela e Companhia...". Lisboa. Na Offic. de Miguel Rodrigues, Impressor do Eminentissimo Senhor Cardial Patriarca. Anno M.DCC.LXV. Condição 27.

tados à própria revelia os homens do lugar, na falta de voluntários. Temerosos da prisão embarcavam. Se farta fôsse a safra de baleias, compensadora seria a remuneração. De duas baleias arpoadas, uma lhes pertencia, além de prêmios que eventualmente poderiam receber e das *entradas* ou adiantamentos correspondentes aos quatro meses da pesca: 8\$000 para os remeiros, 20\$000 para os timoneiros e 25\$000 para os arpoadores, além dos 12\$800 de *banquete*. Caso contrário, sem o salário fixo que lhes negava a Armação, para que mais eficientes se mostrassem, nada lucravam e ficavam a dever ao posto baleeiro o que haviam consumido em alimento e utensílios e em adiantamentos em dinheiro, pelo que permaneciam empenhados até a temporada seguinte. Típico exemplo de trabalho remunerado com laivos de escravidão! Ao fim de setembro, terminada a pesca, regressavam ao domicílio, onde era comum esperá-los um quadro desolador: a família necessitada de recursos pela sua ausência e arruinadas e devoradas pelo mato as lavouras que dependiam do seu braço.

A crise de mão-de-obra remunerada para a efetuação da pesca da baleia foi uma crescente realidade na área paulista do litoral sul, nas primeiras décadas do século XIX. Tanto é verdade que, ao iniciar-se, em junho, a temporada anual das pescarias, baleeiros com suas lanchas deslocavam-se do Rio de Janeiro rumo às Armações de São Sebastião e de Bertioga a participar do arpoamento e captura de baleias, por determinação da administração geral da *real pesca*, que desde o século anterior costumavam socorrer com elemento humano as Armações meridionais à época da safra (21). Assim, em 1816, por exemplo, partiram oito lanchas: três para São Sebastião e cinco para Bertioga, cada qual com seu timoneiro e uma tripulação de oito a onze homens, remeiros e arpoadores. A subsistência — *ração* — de cada homem, durante a viagem, ficava em \$400 réis e da tripulação de cada lancha em 3\$600.

No ano seguinte a flotilha de lanchas que rumou para as Armações de Bertioga e de São Sebastião compunha-se de cinco lanchas de arpoar e três de socorro. Cada lancha de arpoar levava um timoneiro, um arpoador e seis a sete remeiros, homens livres, pardos, crioulos, cabras e índios. As de socorro, o mesmo número de tripu-

(21). — D. A. E. S. P. — M. 24, T. C. — P. 3 — Doc. 32 e 16. P. 2 — Doc. 53 e 32. Livro 154. T. C., fls. 69. Ellis (Myriam), *A Maleia...*, p. 105. A. N. R. J. — Coleção Governadores do Rio de Janeiro — Correspondência com várias autoridades — 1749-1763, vol. 11, Ofício do Conde de Bobadela, Rio de Janeiro, 29 de maio de 1760. — Vice-Reinado — Correspondência de Sta. Catarina — 1789-1790. Cod. 106, Vol. 12, fls. 31 e segs. D. A. E. S. P. — M. 51, T. C. (1721-1822, Ordenanças de Santos e São Vicente). P. 1 — Doc. 58 e 143.

lantes, menos o arpoador. A remuneração de cada tripulante correspondia à temporada de pesca. A saber:

1ª Lancha de arpoar (Lancha Quigombo).

Timoneiro (22)	19\$200	11\$180 de saldo
Arpoador	22\$400	13\$000
Remeiros, 6, a 8\$000 cada	48\$000	
	89\$600	

2ª Lancha de arpoar (Lancha Stº Antonio).

Timoneiro	19\$200	7\$260 de saldo
Arpoador	25\$600	13\$000
Remeiros, 6, a 8\$000 cada	48\$000	
	92\$800	

3ª Lancha de arpoar (Lancha Leão).

Timoneiro	19\$200	2\$240 de saldo
Arpoador		8\$180 de saldo
Remeiros, 4, a 8\$000 cada	32\$000	
Remeiro		11\$960
Remeiro		5\$200
	51\$200	

4ª Lancha de arpoar (Lancha Conceição).

Timoneiro	19\$200	11\$400 de saldo
Arpoador		
Remeiros, 5, a 8\$000 cada	40\$000	
	59\$200	

5ª Lancha de arpoar.

Timoneiro	19\$200	11\$700 de saldo
Arpoador	19\$200	
Remeiros, 5, a 8\$000 cada	40\$000	
Remeiro	9\$600	
	88\$000	

(22). — A. N. R. J. — Junta de Comércio, etc. Recibos de Baleeiros.

1ª Lancha de Socôrro (Lancha Glória).

Timoneiro	9\$600
Remeiros, 7, a 4\$800 cada	33\$600
	43\$200

2ª Lancha de Socôrro.

Timoneiro	9\$600
Remeiros, 6, a 4\$800 cada	28\$800
	38\$400

3ª Lancha de Socôrro.

Timoneiro	9\$600
Remeiros, 6, a 4\$800 cada	28\$800
	38\$400.

Aos baleeiros do Rio de Janeiro juntavam-se os das Armações de São Sebastião e de Bertioga para as árduas e arriscadas operações da pesca. Três meses era o tempo em que os homens permaneciam no mar, remando, arpoando e arrastando à terra as baleias capturadas (23).

Entre os elementos que constituíam a mão-de-obra remunerada encarregada de pilotar, remar e arpoar, teria predominado o mulato — *pardo*. Assim, no setor paulista do litoral meridional nos primeiros tempos do século XIX, de acôrdo com uma *Lista dos Ballieiros que guarnece o numero de 15 Lanxas de Pesca das Balleias pertencente as duas Armaçoins de Villa Bella e Bertioga* (24), ao todo 115 homens entre 25 e 40 anos de idade, em média; 12 brancos, 8 índios, 6 negros forros, todos remeiros, a maioria de Vila Bela e de São Sebastião. Ainda. Nas lanchas baleeiras que seguiam anualmente do Rio de Janeiro a São Sebastião e Bertioga a auxiliar na pesca da baleia, teriam preponderado os *pardos* nas tripulações, às quais também se incorporavam alguns elementos de São Sebastião. Assim, a flotilha de 1817, 5 lanchas de arpoar e 3 de socôrro, contava com uma equipagem de 20 *pardos*, 14 brancos, 13 *crioulos*, 10 índios, 5 cabras e 1 preto, escravo do timoneiro. Dos 5 arpoadores, 3 eram *pardos*, 1 crioulo e 1 branco; dos 8 timoneiros, 5 eram *pardos*, 1 in-

(23). — *Idem*. D. A. E. S. P. — M. 24, T. C. — P. 2 — Doc. 32 e 53. Ellis (Myriam), *A Baleia*..., p. 107 e segs.

(24). — D. A. E. S. P. — M. 24, T. C. — P. 2 — Doc. 23 e 32.

dio, 1 branco e 1 cabra. Dos remeiros 12 eram pardos, 12 crioulos, 12 brancos, 9 índios, 4 cabras e 1 negro escravo.

Embora o critério de cor fosse um tanto relativo na época, acreditamos que os *pardos* ou mulatos seriam mestiços de uma ou duas gerações distanciadas do cativo. A pesca da baleia teria representado para eles, como para os cabras, índios e também negros forros, um dos limitados campos de ação para ganho de vida no Brasil colonial, numa sociedade em que o escravo açambarcava, praticamente, o trabalho braçal (25).

O trabalho remunerado nas Armações ultrapassava a escala das atividades de jornaleiros e assalariados comuns e se estendia a outros setores: o administrativo, o médico e o religioso.

No setor administrativo situava-se, em primeiro lugar o Administrador da Armação, delegado às funções de direção do núcleo baleeiro pela Administração geral da Real Pêça da Baleia, com sede no Rio de Janeiro. Dentre as múltiplas e complexas funções de que era encarregado, cabia-lhe supervisionar a pesca e a *fábrica*, as oficinas e o pessoal, efetuar e regular a contabilidade e promover a expedição do óleo e barbatanas.

Antônio Luiz Pereira, Administrador da Armação da Lagoinha, em 1816, percebia 350\$000 por ano, de ordenado, ou sejam, quase 30\$000 mensais e \$320 diários de *comedorias* e Vicente Joaquim de Macedo, Administrador de Itapocoróia na mesma época (1817), era igualmente remunerado: percebia 466\$800 por ano, ou 350\$000 de ordenado e 116\$800 de *comedorias*. O Administrador designava o *caixeiro*, cuja responsabilidade era a venda do óleo de baleia ao povo nos *estancos* ou postos de distribuição do produto filiados à Armação. Recebia o caixeiro a importância de 160\$000 por ano.

Ao cirurgião e ao padre cabia o setor de assistência social do núcleo baleeiro. Enquanto o primeiro pensava os feridos e ministrava aos enfermos as precárias mesinhas conservadas ou manipuladas na botica da Armação, o outro, além dos ofícios religiosos, encarregava-se de proporcionar socorro espiritual aos homens embrutecidos pela vida rústica e pelos árduos e fatigantes trabalhos de terra e mar.

(25). — A. N. R. J. — Recibos de Baleeiros. ANAIS da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, vol. 32, "Inventário dos Documentos Relativos ao Brasil existentes no Arquivo de Marinha e Ultramar de Lisboa, org. por Eduardo de Castro e Almeida". Rio de Janeiro, 1910 (1914) Bahia II, p. 295, doc. 8792 e 253, doc. 8440. Ellis (Myriam), *A Baleia...*, p. 110. D. A. E. S. P. — M. 24, T. C. — P. 2 — Doc. 32.

Na remuneração, assistência médica e socorro espiritual equivaliam-se. Assim, um ano de serviços prestados pelo cirurgião Felizardo Carvalho da Cunha e Silva, na Armação da Lagoinha e igual prazo dedicado pelo frei Pedro Antônio de Agote ao seu sacerdócio, na capela da Armação de Garopaba, rendeu-lhe o *soldo* de 158\$400 (26). Pouco mais do que o preço de um excelente escravo.

*

VIDA E MORTE DO ESCRAVO.

Alojado nas senzalas, vestido de jalecos — *véstias* — calções, calças compridas ou curtas, ceroulas, camisas e mantas de pano azul, aniagem, estôpa ou algodão grosso, alimentavam-no com rações de farinha de mandioca e carne seca — xarque — ou peixe fresco ou salgado, à falta de carne. Carne verde ou de galinha, somente em extremo caso de doença grave e à beira da morte. Era quando chegava a provar do leite e do açúcar branco... Convinha conservar-lhe a saúde e prolongar-lhe a vida. Cabiam-lhe, também, rações de fumo e porções de aguardente, a título de recompensa e de remédio.

Quanto à assistência religiosa, essa também não lhe teria faltado. Se *nôvo*, ou seja, se recém-chegado da África, era imediatamente batizado, enquanto o submetiam à aprendizagem de um serviço.

Negras, como já dissemos, rara vez eram importadas. Uma ou duas, se necessárias, em lotes de vinte ou mais escravos. Destinavam-se às tarefas domésticas, ou a título de recompensa ao escravo eficiente *merecedor* de companheira que lhe minorasse as agruras da escravidão passada à beira de fornalhas e caldeiras, ou no *desmancho* das baleias e na derrubada das matas e transporte de lenha. Quando *nova*, batizavam-na e a doutrinavam. Preparada, assim, para o matrimônio, da união abençoada pelo padre do lugar, o núcleo baleeiro receberia para o futuro nôvo elemento humano — moleques e molecotes — que automaticamente se incorporaria ao patrimônio da Armação.

Não obstante promovidos com o intuito de moralizar as ligações entre os negros e as negras do núcleo baleeiro, não impediram tais casórios o freqüente amancebamento de escravas com escravos e feitores.

Assistido em vida com morada e vestuário, alimento e remédios, batismo e casamento, também o era na morte, conforme as prescri-

(26). — A. N. R. J. — Junta de Comércio, etc. Conta de despesas com a Armação da Lagoinha — 1816. Documentos de Itapocoróia — 1817. Despesas Gerais das Armações — 1817. Documentos da Administração de Lagoinha — 1816-1817. Ellis (Myriam), *A Baleia...*, p. 110.

ções da piedade cristã. Ministrava-lhe um capelão os últimos sacramentos, encomendava-lhe a alma ao Criador em missa de corpo presente e o acompanhava ao cemitério da Armação nos fundos da capela. Registrava-lhe o óbito e ainda rezava duas missas. Por tais ofícios em sufrágio daquele que se finara nas exaustivas fainas da indústria do óleo de baleia, recebia 2\$240 réis da administração do núcleo baleeiro.

Tantos cuidados não receberam os assalariados...

Negros inativos, *sem valor*, existiram em tôdas as Armações. Na de Nossa Senhora da Piedade, em 1816, eram 45, entre os quais 20 decrepitos, um com *moléstia incurável*, outro com *chagas cancerosas*, um doido, outro maníaco, um manco, asmáticos cinco, um com *moléstia crônica no peito*, um cego, seis aleijados da mão, do braço e da perna, *quebrados* três, dos quais um das duas virilhas. Era êste caso freqüente entre os escravos das Armações que participavam das tarefas de arrastamento dos volumosos cetáceos para a terra. *Quebrado das virilhas, doente de uma hernia, rendido das virilhas ou quebrado quebrado e inchado, arreventado do peito, aleijado, descadeirado* são expressões que designam, em todos os postos baleeiros, o escravo acidentado em serviço.

Quanto aos outros males, escravos *estuporados*, paráliticos de um ou mais membros, *coxos, curvados pela cintura*, defeituosos, reumáticos, de *pé cortado*, com erisipela ou com *moléstia crônica, trêmulos*, cegos e caolhos, atacados de gota, *doentes do peito* eram freqüentes e muitos denunciavam certamente más condições de vida e de trabalho nos antigos entrepostos baleeiros do Brasil (27).



APÊNDICE.

S.or Cap.am Joaquim Antonio Alves

Santa Cathar.a 28 de Julho de 1816.

Em 22 do corrente tive a honra de receber a de V. M.ce de 6 do m.mo parti/cipando me ter Sua Magestade sido servido conferir p.r 12 annos / a Administração da Real Pesca de Baleas aos S.res Commenda/dores Fernando Carneiro Leão, Joaquim Jozé de Sequeira, Ca/pitão Manuel Dias de Lima, q' de commum accordo... / todos os S.res Socios constituirão a V. M.ce Caixa e

(27). — Ellis (Myriam), *Idem*, p. 101 e segs.

Administ.../dor Geral da m.ma Real Pesca em virtude das particulares / Condiçoens, com q' tem estabelecido o plano desta importa.../ Negociação, de q' a V. M.ce e aos mais S.res dou os parabens de.../jando que nella consigão os interesses q' espe-rão e que eu m.to ingenuam.e lhe apeteço.

Em consequencia da / ordem recebi de Jozé Pedro de Oliveira Cap.m do Berganti/...tharina Rs 5.000\$000 em dinheiro, 27 Escravos / e 13 Femeas com os mais generos constantes da Lista / V. M.ce se dignou remetter me para fornecim.to das Arm.../desta Capitania q' se achão cometidas ao meu cuidado,/ V. M.ce se digne novam.e confiar me na inteligencia de q / esta Administração seguirá em tudo a m.ma marcha do / tracto Findo, o q' muito estimo pela satisfação q' cauzará a todos os q' tiverem occazião de servir a V. M.ce / e seus ...cios.

Forão como digo, recebidos os ditos ge.(neros) / q' só dife-rem da Lista em vir de mais 1 a de / Cera e em não serem as 82 Barras de Ferro de Bis.(caia) / e sim de outra quali.de porem isto não deve p.r hora / cuidado pq' tudo está remediado.

Logo q' da/...ella chegue a Certidão da apresentação dos ditos Escravos lhe será / remettida, assim como a Lista dos precizos generos quando das / ...mais Armaçoens os seus Admin-istradores me remetterem as competentes, visto q' p.r agora da-qui se poderá providenciar qual / a falta q' possa haver, no q' pode estar descansado.

Fico inteligenciado em pertencer á sua Administração a Des/peza, e Receita destas Armaçoens desde o 1º de Junho do corr.e/ano, o q' ja tenho participado aos competentes Administradores / em o mais q' julguei acertado comunnicarlhe em virtude das / instruçoens de V. M.ce Na m.ma inteligencia estou a respeito do / Inventario Geral q' se deve fazer com suas competentes Avalia/çoens em todas as Armaçoens p.a p.r elles tomarem co...ta dos / ... e seus respectivos Administradores, no q' cuidarei logo q' me for / possivel p.r se fazer em toda a parte precisa e necessaria a m.a as/...tencia p.a em termos habeis se arranjarem, hindo a todas ellas / ... os Avaliadores, pelos não haver mais partes, e não ser/...ssível confiar-se aos mais tão importante e empertenente / ...ncia: assim logo q' ponha as couzas em caminho de / ...scarem Baleas q' p.a hora he o mais importante e pres/... en.e não me descuidarei do mais q' V. M.ce tão efficazm.e / recomenda ficando certo q' logo q' se apromptem os ditos In/...arios serão remettidos a V. M.ce assim como ao Sr. Cap.am João / ... da Costa.

O grande labarinto em q' desde de/...vrº esta Armação tem andado com os transp.es, e serviço da Tso/... q' puzerão em m.to atrazo os costumados trabalhos; ... dizizo estado em q' se achava a desgraçadissima Admi/nistração da Real Pesca das Baleas de continuar ou não / (por con-)ta da Real Fazenda, a falta de ordem na / ... costumada, para ella se Fa/... e que só recebi em 10 do corrente, e / a grande repugnancia dos Baleeiros entrarem em tão penozo / e ariscado serviço, pela demora e falta dos seus pagamentos me / puzerão na triste situação de ver com grande magoa do / meu Coração correr o tempo da Pesca sem poder principiala / p.r q' officiano logo q' recebi aquella tardia ordem ao Gov./ desta Capitania p.a me dispensar as lanxas, Escr.os e Baleeiros â' nos transp.es andavão, tudo isto veyo com tanta demora / q' nada pude fazer, providenciando apenas ordenar ao / Administrador da Armação de Itapocoroya principiasse / ali a Pesca p.a de todo se não perder, o q' com effeito poria / em pratica logo q' lhe fosse possivel vendo a desta e mais / Armaçoens na triste figura de se perder totalm.e p.r não ap/parecer gente, p.r q' achavão os Baleeiros mais conviniante / desampararem suas familias, e andarem pelo mato emq.to / durasse a Pesca, do q' vir a ella p.a ser serviço q' só a necesi.de / ou aconviniencia pode convidar a q.m nelle se empregar.

Recebendo porem a Carta de V. M.ce como acima digo / em 22 do corrente espalhei avizos, afixei editaes, e dei logo todas / as mais providencias q' me forão possiveis para acarinhar e cha/mar os Baleeiros q' ainda desconfiados lentamente vem chegan/do, tendo com tudo esperanças de q' poderei arranjar no possi/vel modo e em breve periodo algumas lanxas a tempo de se / fazer a Pesca nesta Armação, e de mandar em Agosto na / forma do costume as q' poder p.a as Armaçoens da Lagoinha, / Garopaba e Imbituba. Apesar de não ter ainda / apreciza gente e dezejando não perder o tempo que tão velozmente / vai correndo apromptei com alguns homens forros e Escr.os / do Contracto 4 lanxas de Arpoar q' no dia 26 do corr.e / fiz sahir á Pesca e tão felizm.te q' logo matarão 4 Baleas, / acontecendo matarem outras 4 no dia seguinte pelo q' ren/dendo a Deos graças, e a V. M.ce e a todos os S.rs Interessados os para/bens podendo dizer-lhe q' se a ordem de V. M.ce tivesse vindo / mais cedo se contarião já aqui mortas mais de 30 Baleas / p.r ter corrido este mez o melhor possivel p.a a Pesca.

Quando eu julgar occasião oportuna e se acharem mais / os Escr.os e Escravas novas q' V. M.ce agora remetteo pertendo

repartir estas pelas mais Armaçoens, assim como os Mole/ques p.a se hirem applicando a alguns officios; pois q' p.a hora / se devem poupar d'outros trabalhos de q' ainda não são capases suas forças e p.a tanto alguns Escr.os q' V. M.ce agora no / principio for mandando será bom q' logo sejam capazes / p.a os serviços, q' prezentem.e he o q' m.to se carece em todas as / Armaçoens.

Sim S.or tenho sabido, e p.r desgraça / minha, a grande inopia de Azeite q' se tem experimentado / nos Estancos dessa Cidade pelos motivos q' m.tos sabem dei/xandose estar nos Tanques das Armaçoens p.a se consumir / nos mesmos encrossandose, e reduzindose a borra como acontece / quando muita demora tem, deixando assim devender-se / efazer dinheiro com q' se pagasse a q.m trabalhava e reduzin/do se este Ramo de rendim.to da Real Fazenda a tal dis/grança q' infalivelm.te acabara com suas Fabricas se zellozas / Pessoas se não lembrassem de darem áquella Administração / a sabia e bem acertada direcção q' vai tornar e q' Deos permita / abençoar como espero e dezejo.

Ainda q' nesta se offerecesse occazião de remetter a V. M.ce algum Azeite como me / ordena o não possa praticar p.a falta de Cascos porem como / V. M.ce ja mandou a Imbituba o Berg.m Fama e ficara a ex/pedir p.a aqui a Sumaca de Joze Domingues andando / ellas com a brevid.e e energia q' se preciza em mui pouco tem/po será V. M.ce fornecido daquelle genero porem creyo / q' Jozé Domingues possa bem servilo em razão da pouca / confiança que geralm.e merecem os seus tratos quando em algúa / couza se oppoem aos seus particulares interesses.

Segundo os avizos q' recebi até 31 de Março havião / 895 pipas de Azeite nas seguintes Armaçoens: em Imbetuba / 320, em Garopaba 150, na Lagoinha 100, em Itapacoroya / 150, na Ilha da Graça 75, e nesta da S.ra da Piedade / 100: assim sabendo V. M.ce as q' levou o Bergantim Vigilante / e as q' agora leva o Bergantim Fama poderá facil.me / vir no conhecim.to de quanto Azeite p.r cá existe da Pesca pas/sada.

Devo igualm.te dizer a V. M.ce q' no tempo da / Pesca só desta Armação e a de Itapacoroya se pode mandar / buscar Azeite, em razão do detrimento, e embarço q' cauza á / Pesca nas mais Armaçoens.

Tão bem recebi / a Carta de V. M.ce de 7 do corrente p.a Estevão Brocardo de Mat/tos, q' V. M.ce destina para novo Administrador da Armação / da Lagoinha, de q' tomará posse logo q' se acabar a pre/zente Pesca, e no emquanto cuidarei com

m.to gosto em ir / dando algumas lues p.a o novo emprego q' vai ter em lu/gar do Capitam Antonio Luiz Pereira, q' p.a exatas im/formaçoens de avançada idade passa a ser substituido pe/lo dito Mattos devo privinir a V. M.ce p.a bem da sua Admi/nis-tração e socego do seu espirito q' preciso ter toda a circuns/pecção e cautela nas novi.des, e informaçoens q' lhe derem / p.a o não iludirem como acontece agora com as relativas do dito Pereira, q' supposto tenha mais alguns annos / q' eu ainda, se acha agil e rebusto, e não estragado da ve/lhice p.a p.r esse titulo som.e ser dispedido.

Será preciso quando V. M.ce me remetter / a sua Procura-ção bastante vir tão bem hum exemplar das / Condiçoens p.a minha direcção p.a q' m.tas vezes se fazem ne/cessarias. Agrade-ço muito a V. M.ce e a todos os Sr.es / seus Socios a franqueza q' me concedem para todas as / deliberaçoens q' julgar a bem dos seus interesses; assim / como a satisfação, e dezejos q' manifestar ter da minha conser/vação neste lugar para continuarem a ser-virem se do meu / limitado prestimo na m.ma Administração q' ha 24 annos / me está confiada, no q' não terei duvida pelo gosto q' tenho de servir a tão benemeritos S.rs fazendoseme porem / o interesse capaz de compensar as fadigas q' preciso ter em / tem-po q' pertendia dellas descansar. Dezejo a V. M.ce / a melhor disposição com muitas felicidades, para concederme / occazioens de mostrar-lhe tenho a honra ser

De V. M

Amigo m.to Venerador e C.r
Jacinto Jorge dos Anjos.

P.S.

Hoje 28 morrerão mais
3 Baleas com q' fazem
11 mortas.

*

S.or Cap.am Joaquim Antonio Alves.

Santa Catharina 14 de Deembro de 1816.

Em 22 do passado recebi as de V. M.ce de 30 de Outubro / 18 e 19 de Novembro pelo Bergantim Triunfo Cap.am / Manoel Jozè da Silva, que agora regressa com 32\$470 / medidas de Azeite de Balea em 224 Cascos constan/tes da Lista junta pelo mesmo Silva assinada/, sendo do dito Azeite 18\$515 medidas pertencen-tes á / Pesca do prezente anno e 13\$955 pertencentes á Pes/ca de

1815; ficando agora aqui algum resto de / Azeite groço de ambas as ditas Pescas para se ir / apurando e suprir ao Extanco desta Villa, até che/gar o da fuctura Pesca em cujos termos se não po/de contar agora com mais remessa daqui de tal / genero. Quando chegar a Sumaca / Fama já o Administrador de Itapocoroya / tem ordem minha para dirigir desta Armação, / o onde tenciono mandala carregar em Imbe/tuba em ordem a extrahir dali o Azeite que / houver, e livrar de mandar áquelle Porto mais / perigozo este Bergantim Triunfo q' V. M.ce querendo / elle faça alguma viagem o pode mandar á Ilha da Graça a receber o Azeite q' lá há e passar / depois a Armação da Lagoinha a receber tão bem / o q' ali houver; p.r q' me persuado q'com pouca / differença se arranjará assim a sua Carga, ficando / então p.a a sobredita Su/macaca Fama aexportação / do q' houver em Imbetuba e Garopaba.

Em consequencia das suas relações fez omencio/nado Silva entrega detudo quanto nessa recebeo/, e não posso deixar de louvar a V. M.ce o acerto com q' / fez compra dos 50 Escravos Novos e 1 ladino / q' me remetteo p' ser huma Escravatura apta p.a / se applicar aos Serviços desta Fabrica, e já alguns / se vão ageitando muito bem aremar de cuja / applicação menão descuidam. Tãobem che/gou muito a tempo o Socorro da Carne Seca, q' / a não ser elle materia visto em aperto p.a / socorrer esta e mais Armaçoens no sustento da / sua Escravatura, pela não ter agora havido nesta Ilha. As Caldeiras, e Pombas de / Ferro q' a V. M.ce pedi basta q' aesta cheguem em / Mayo, ou Junho por serem utensilios só precisos / p.a a Pesca, e ainda não chegando elles naquel/le tempo nem porisso deixará de fazer-se a Pes/ca, q' dezejando por isto em melhor ordem / p.r isso pedi com anticipação aquelles artigos./ Fico sciente na sua deliberação relativa á remessa / de Escravos p.a Itapocoroya, e p.r isso tenho senta/do mandar alguns p.a ali aonda, e na Lagoi/nha são presentem.e mais precisos, em razão / do lastimoso estado em q' ambas se achão daquelles precisos braços. Todos os Generos per/tencentes a Armação de Itapacoroya, q' V. M.ce mandou / forão sem demora ali remettidos. Eu não / deixei de instar bem com o Mestre do Barco S.nr João para verificar o seu ajuste de carregar em / Imbetuba; porem elle não estava em termos de lá / voltar p.r ter perdido o melhor da sua amarração / e obrigando o a lá hir era expôr a perder a propria / carga q' tivesse recebido, e então q' transtorno e pre/juizo não era! Fico intelligenciado em / se não vender nesta e nas mais Armaçoens / Azeite p.a fora da Terra do que eu já me/havia pre-venido ávista das circunstancias, em que / eu considerava á V.

M.ce nessa Corte. Recebi / Rs 1:000\$000 q' V. M.ce se lembrou remetter-me / em Cobre no q' fez m.to bem; p.r q' esta moeda / não hé má p.a os pagam.tos desta, e assim quan/do lá se vir atacado deste genero não escropu/lize repetir algumas remessas. O Baú vol/ta pelo portador. A sobredita quan/tia com Rs. 3:691\$025 das 5 Letras / q' contra V. M.ce saquei até 28 de Outubro ficão a/creditados em sua Conta. Conclui feliz/mente a deligencia das Avaliações de todas as / Armações, e se concluir a tempo as Copias dos / Inventarios irão p.r este Berg.m, ou pelo pri/meiro portador q' houver.

Dezejo a V. M.ce a melhor disposição p.a / conceder me muitas occaziões demonstrarlhe a / minha amizade, e q' p.r affecto, e dever sou

De V. M.

Amigo V.or e obr.o C.r
Jacinto Jorge dos Anjos.

P.S.

Em 24 de 9bro. chegou á /
minha mão a Letra de
Rs. / 975\$145 q' á V. M.ce
assignou / o Cap.am
João Luiz do Livram.to /
a qual se acha aceita
para / ser paga em
20 do corrente / q'
se hade vencer. Vai
a Certidão dos Escravos.

Consta o recebm.to de 1:975\$145 rs e 51 Escravos.

S.ta Catharina, 14 de Dez.bro de 1816.

Jacinto Jorge dos Anjos em 28 de Dezº de 1816.

*

Ill.mo S.or Cap.m Joaquim Antonio Alves.

Santa Cathar.a 18 de Setembro de 1817.

Meu Amigo e S.r Em 9 do corrente recebi a de / V. S.a de 30 de Agosto por Manoel Jozé da Silva Cap.am / do Bergantim Triunfo no qual tenho embarcado em / 231 vazilhas 34\$006 medidas de Azeite de Balea da / Pesca do presente anno como se observa do Recibo / pelo mesmo Cap.am firmado suprimdo lhe p.a arefferi/da carga com 37 Vazilhas das que vierão no Ber/gan-

tim Catharina. Vai a guia dos 17 Escr.os/q' V. S.a remetteo para esta Armação que chegarão / sem novidade, assim como o mais q' me mandou.

Agora tãobem remetto a V. S.a hum Torno da / Ferraria para ahi se concertar. Foi prompta/mente paga a Letra de 200\$000 r.s de Antonio / Mendes de Carvalho contra Joaquim Jozé de Santa / Anna que V. S.a me remetteo para cobrar ficando d.a / quantia abonada em Conta dessa Administração.

Ainda conservo no Mar as lanxas a ver se ap/parece mais alguma Balea não obstante a pouca / ou nehua esperança q' tenho de mais ver este / anno p.r se ter passado quaze hum mez que não / apparecerão mais, apezar da deligencia q' lhes /fazem. Creyo q p.r ahi terá acontecido o m.mo.

As grandes e continuadas Nordestias com o ca/loroso tempo q' em todo este Inverno houve foi acau/za de se não matarem mais Baleas, e porisso con/to aqui sómente 45; na Lagoinha 9; em Ita/pacoroya 4; na Ilha da Graça 6; e de Garopaba aul/tima noticia que amuito tive foi de haverem ali 6 / Baleas e 9 em Imbetuba, pelo que não sei se lá / haveria mais alguma. Sinto quanto / me he possível não lhe dar mais grattas noti/cias; porem não está na minha possibilidade pre/henxer os meos dezejos. Fallando lhe como / aingenuidade q' devo sou a dizer lhe que o numero / de lanxas da Pesca q' a V. S.a parece diminuto he / sufficiente: o ponto está q' appareção Baleas; p.r q' / o 1º Anno q' estive em Itapacoroya só quatro lanxas / de Arpoar forão bastantes para matarem 323 / Baleas naquella Armação. Emquan/to aos Arpões q' V. S.a memandou para experi/mentar vindos de Inglaterra devo dizer-lhe que / nenhum delles he melhor, nem tão bons como os / de q' uzamos aqui m.mo feitos; pelas razões seguintes: / os de Galhos de flexar e abrir hão de forçoza.me ser m.to fracos nos eixos pela pouca força q' o ferro ali / tem p.r cauza dos furos, alem da sua astea ser / muito dura egroça epor isso incapaz de dobrar / quando acorda forceja, o q' fará sahirem logo pe/la mesma incizão que fierem, e p.r isso nenhum / dos Arpoadores se quiz delles servir. Levaram sim / os farpados nas Galhas; porem as Baleas que / com elles arpoavão sahião do Arpão em razão do / pouco espaço q' vai da farpa da Galha a aste do / arpão por terem menos espaço q' romper, e aonde / se segurar o m.mo arpão o q' não sucede tanto aos / nossos, cujas agudas pontas agarrando não largão / facilme, e assim havendo bom ferro, e quem os faça bem são os nossos muito melhores q' os taes Ar/pões Inglezes. As lanças são tão

bem / as nossas mais compridas, e dizem os Baleeiros p.r isso melhores q' as Inglezas.

He a neccid.e Mestra da industria, e p.r isso / fas ás vezes q' os homens em sua utilid.e descu/brão couzas q' p.r m.to tempo ignoravão.

A grande distancia em q' estão aqui as le/nhas e o imenso trabalho q' dão em se conduzirem / para esta Armação em forma q' não chega aqui / pau q' deixa de ser muitas vezes lavado em suor / dos Escr.os occupandose com desvello neste duro, e / pezado serviço todo o tempo q' medea de húa / a outra Pesca sem ter outra derivação me afli/gia sumamente, e fazia compadecer m.to da / pobre Escravatura olhando ao m.mo tempo para / os poucos Mattos q' já havião; estas circunstancias / occupavão am.to a minha consideração haver se des/cobria moda de se gastar menos lenha em fri/gir o Toucinho das Baleas, até q' finalm.e fiz / este anno construir hua fornalha de nova for/ma para ver se conseguia o q' dezejava, e man/dando nella assentar hua das novas Caldeiras / q' vierão obtive feliz.me, q' ellas fizesse o m.mo serviço / q' qualquer das outras Caldeiras, e com quazi metade / da lenha q' gasta cada hua das antigas fornhalhas / não carecendo a grosissima lenha q' as outras precisão; p.r q' depois de esquentada qualquer lenha / raxada e paus delgados lhe conserva o fogo; porem / careço ainda fazer nestas novas fornhalhas mais / algua experiencia p.a ver se a obra pode sahir / mais perfeita, satisfazendome já m.to e m.to da q' tenho conseguido da 1ª. Como depois q' pedi / o fardam.to p.a a Escravatura destas Armações chegarão alguns / Escr.os novos q' forão nesta e mais Armaçoens fardados de novo / se precisão agora mais 70 Mantas p.a se dar aos q' estão sem / ellas. Fico certo em ter satisfeito as Letras q' contra V. S.a tenho / sacado e nesta occazião passo mais outra de R.s 1:200\$000 pa/gavel ao Tene Luiz Fran.co Braga. Fico ás ordens de / V. S.a dezejandolhe a melhor disposição e felicid.es e sempre promp/to a mostrar-lhe q' sou

De V. S.a
Amigo m.to V.or, e obrº Cr.do
Jacinto Jorge dos Anjos.

*

S.or Cap.am Joaquim Antonio Alves.
Santa Catharina 20 de Fevereiro de 1817.

Em 15 do corrente escrevi a V. M.ce dizendo lhe o q' na/ quella occazião se me offerecia e agora vou remetter lhe / o

Recibo assignado p.r Manoel Jozé da Silva, Cap.am/ do Bergantim Triunfo das 57 Vazilhas com 5:678 / medidas de Azeite de Balea q' no m.mo Bergantim / carreguei como lhe annunciara na sobredita Carta / levando de mais 600 Achas de lenha para ar/ rumação e 52 Escovens para lanxas, alem dos / q' poder embarcar o Administrador da Armação / da Lagoinha, como lhe aviei. Vai a rela/ção dos Remedios, q' o Cirurgião desta pede p.a / a Botica do Hospital, levando o Cap.am Manoel / Jozé hum Caixão e hua Barrica para transporte dos / ditos remedios. Em 24 do corrente passou á / Lagoinha o Bergantim Triunfo, e no m.mo dia en/trou nesta a Sumaca Fama, Cap.am Miguel Gon/çalves dos Santos, q' ontem sahio p.a Imbetuba:/ por elle recebi as estimadissimas de V. M.ce de / 12, e 16 do corr.e estimando encontrar nellas / as boas noticias da sua saudavel despozição.

Pela primeira, q' contem parte da resposta / da minha de 28 de Julho, vejo determinar V. M.ce com / os S.res interessados na sua Administração q' eu fique / percebendo, alem do Ordenado q' ganhava neste lugar, / mais 400\$000 r.s cada anno; principiando meu / vencim.to desde o 1º de Junho de 1816, no q' fico intelligenciado; assim como nos dezejos q' todos / p.r sua / benevolencia e grandeza tinhão de q' eu fosse Interessado/tãobem nesta negociação, cujas vistas forão sem/pre as m.as; porem como senão realiarão e os dezejos / de V. M.ce, e dos mais S.res Interessados pelo particular / interesse q' forão obrigados aceder, e de q' se não pude/rão subtrahir, eu convencido desta asserção fico satisfeito com a sua deliberação, e m.to mais com as affectuo/zas e amigaveis expressões com q' me obzequeia, a que / dezejo corresponder com conhecidas provas do meu pres/timo e gratidão; pois q' servir a bons Amigos e pessoas / de tantos merecim.tos me val mais, q' quantos in/teresses há no Mundo. Pela segunda me / certifico haver recebido os Inventarios destas Arma/çoens, e ter pelos m.mos conhecido o decadente estado / dellas, q' V. M.ce com suas sabias providencias senão /descuida remediar. Desembarcarão felizm.e da /Sumaca Fama os 21 Escr.os novos p.a daqui / a poucos dias remetter p.a a Lagoinha 17 / Maxos, e 3 Femeas projectando fazer igual remessa / p.a Garopaba como já avizei ao seu Administrador / p.a os mandar buscar, e ao depois chegando o tem/po da Pesca verei a repartição q' se pode fazer con/forme as forças q' houverem. Como sempre / tencionei lançar ao Mar as lanxas p.a a Pesca / mais cedo q' nos annos anteced.es, q' conforme / o tempo correr deve ser em fins de Mayo, ou no 1º / de Junho, cujo plano estimo conformarse com

/ a sua vontade me foi preciso metter mais forças / ás lenhas q' se achão cortadas, e q' se não fosse a no/va Escravatura não poderia vencer para logo q' / for cortada conduzir-se a esta Armação, cujo pezado / serviço pela distancia faz acobardar o mais valen/te escravo e p.r este motivo e o de estar fazendo de / novo mais de 90 palmos de Madeiram.to do / Ingenho não tenho á mais tempo mandado p.a as sobreditas Armaçoens alguns Escr.os, como brevemente farei. Vão as Certidões da apresentação dos / ditos 21 escr.ôs, e dos 24 q' vierão p.a Itapacoroya no Bergantim Triunfo. Pelo q' respeita / ao augmento de Salario p.a o Administrador ac/tual de Itapacoroya, eu responderei a V. M.ce noutra / occazião. He certo q' antes de haver o Su/plemento de Imbetuba andarão 4 lanxas de / Arpoar em Garopaba, mas depois q' se fez / Imbetuba destinarão 3 p.a cada hua Armação: / hindo as Pescas a menos e a gente a faltar pelo / pouco q' ganhavão se reduzirão a 2 lanxas de / Arpoar cada lugar, e ao depois q' se augmenta/rão os preços aos Baleeiros, e faltarão os pagamentos / me vi alguns annos em circunstances de quazi / não ter q.m nas Armações andasse; mas / como agora graças a Deos, e as sabias e promptas / providencias de V. M.ce já não existe esta falta con/sultarei com Manoel Marques Guim.es p.a ver / as q' para ali devem hir. A dita Arma/ção de Garopaba tem sido assaz damnoza á da La/goinha q' fazendo sempre boas Pescas, depois q' / se fez a de Garopaba nunca mais teve Pesca / q' prestasse. Tenho contra V. M.ce sacado de / 31 de Janeiro até hoje as seguintes Letras /

1:000\$000 r.s a favor de Manoel da Costa Per.a
2:480\$000 r.s a favor do Ten.e Jozé Ant^o da Luz
1:000\$000 r.s a favor do Alf.es Jozé Vieira de Castro

4:480\$000 r.s

He p.r hora quanto se me offerece dizer a V. M.ce / a quem apeteço boa saude e constantes felicid.s /
Deos G.e a V. M.ce m.s ann.s /

De V. M.ce
Amigo Venerador e obrig.mo C.r
Jacinto Jorge dos Anjos.

*

Ill.mo S.nr Cap.am Joaquim Antonio Alves.

Santa Catharina 3 de Junho de 1817.

Meu Amigo e S.r da minha estimação.

Em 23 de Mayo recebi a estimadissima de / V. S.a de 28 de Abril pelo Bergantim Triunfo Cap.m / Manoel Joze da Silva, que nesta tem entregado todos / os Generos, e Escravos aqui pertencentes e as mais / Armações para a Pesca do prezente Anno.

Sinto infinito que V. S.a passasse pelo gran/de incomodo de huma molestia tão grave; porem / como já se acha della izento lhe rendo parabens.

Não dei a V. S.a cuidado não lhe haver pedido / Manoel Marques Guim.es alguns generos para / a Pesca, como eu pensava o tivesse feito; p.rque / quando algua couza careça eu desta o socorrerei.

Logo que recebi a ordem de V. S.a para se lançar fora de Imbetuba o Feitor Manoel de Souza / Trovão o determinei assim ao dito Manoel Mar/ques Guim.es estimando eu muito esta deliberação / de V. S.a, porque tendo eu ha quazi 2 annos / dito aquelle administrador não convinha ali / tal Feitor p.r couzas q' me erão patentes, elle o / desculpou com justificações da sua innocencia / e p.r isso se conservava ainda ali a meu pezar.

O Bergantim Triunfo ha de ir a Garopaba / buscar o Azeite que lá tem para dali passar / a esta aonde verei então o destino q' devo dar-lhe.

Serão remettidos á Lagoinha 40 Alq.res / de Sal q' V. S.a manda para naquella Armação / se fazer salga de peixe com que se ajude a sus/tentar a Escravatura della o q' estimarei con/siga. He certo q' o excessivo preço em q' / agora o Charque está faz tremer aquem tem / tanta Escravatura q' sustentar; porem ne/nhum outro alimento he tão capaz de susten/tar as forças de hum Escravo q' todo o dia está / com hum Maxado na mão a cortar lenha / ou coberto de Suor em carrega-la senão a Car/ne Seca e por isso he o melhor alimento q' se / pode dar a Escravatura: o que me parece sem / mais acertado he q' quando houverem no Rio / Grande as novas Charqueadas mande V. S.a / ali comprar huma porção de Carne p.a reme/ter a esta d'onde se forneção as mais Arma/çoens p.a q' escuza se de dar aos Negociantes / o lucro q' percebem na q' se lhe compra; essa / emquanto eu irei remediando cá isto com / a porção q' tenho por haver ha pouco comprado / mais 500 arrobas della a 1\$760 r.s, e quando ve/nha

a faltar recorrerei a outra alguma provi/dencia de Bagres da Laguna no tempo del/las. No 1º do corente consegui benzer as / Lanxas para a Pescaria de Balêas desta Ar/mação e penso se fazia o m.mo em Itapocoroya e / não faltou gente, e por isso tive tãobem occazião / de acrescentar mais 2 lanxas de Arpoar com / seus Soccorros p.a mandar quando for tempo / p.a Garopaba e Imbetuba. Agora Deos / queira felicitar nos com hua abundante / Pesca como muito dezejo. Pelo map/pa junto verá V. S.a o sistema q' se tinha / adoptado p.a o pagam.to dos Baleeiros q' mais / servia de desanimallos q' de alentalllos porq' / em pasando de 25 Baleas já não faião / como devião a diligencia; dizendo q' quantas / Baleas mais matavão menos se lhe paga/va. No pagam.to do Anno Passado ain/da segui a m.ma pratica p.r ser já tarde / quando se principiou a Pesca e elles me não / perguntaram nada disso; porem este anno / para os animar, e não ficarem aqui tão dis/pendiozas as Baleas q' se Pescasse com todas / as Lanxas emquanto se não repartem p.a as mais Armações arbitrei aos m.mos e ajustei / com elles hum preço certo p.r todas as Ba/leas q' matassem livrando os assim do es/crupulo q' tinham na alteração dos preços e / deminuindo ao Contrato não pequena despe/za. Custou-me a persuadilos; porem / venci a excepção de hum desavergonhado Arpo/ador q' não asentio disso pelo q' ficou de / fora não faltando quem suprise o seu lu/gar. Nas Costas do m.mo Mappa vão os / preços q' agora estabeleci e só quando forem as / lanxas p.a a Lagoinha he q' será necessario aug/mentar se alguma couza áquellas Lanxas em / razão da pouca Pesca q' ali se faz e antiga pra/tica. Estimarei q' esta m.a deliberação me/reça aprovação de V. S.a A favor do Sarg.to / Mor Domingos Luis do Livramento / tenho agora sacado hua Letra da quantia R.r / 2:000\$000 ficando certo em e acharem satisfeitos / todos os meus saques. Dezejo a V. S.a a / melhor saude com muitas felicidades para / conceder me o gosto de o servir e mostrar-lhe / q' tenho a honra ser

De V. S.a

Constante A.mo m.to V.or e C.r.

Jacinto Jorge dos Anjos.

*

Ill.mo S.nr Cap.am Joaquim Antonio Alves.

Itapocoroya 1º de Feverº de 1817.

No dia 29 de Janº recebi a Estimada de V. M.ce de 17 / do mesmo pelo Bargantim Triunfo Cap.m Manoel Joze / da S.a o

Coal me entregou 24 Escravos sendo destes huma / femia e hum forno de Cobre, Como Constava do Conhecim.to / o dito Bargantim esta manhan sahio p.a Santa Catt.a / e não sahio Logo q' chegou porq' o Vento o não preme-/tio, a escrava Logo q' esteja pronta da doutrina a farei / cazar com hum escrº q' he merecedor. Não tenho / mandado Lista dos generos q' se caresem por q' o Snr' / Cap.mor Jacinto Jorge a m.to tempo q' me pedio e me tem / mandado parte deles e pouco falta p.a a Compeltar, e / fique V. M.ce certo q' hade estar tudo pronto p.a o tempo q' V. M.ce quere. Esta Armacão esta m.to derrotada de Escr.os mas (?) na lista q' fis pedi 40 Escravos, e ja despois de / avaliasoens ja tem morrido 2 e tem m.tos q' so servem / p.a comer a rasão. Aqui fico a dispor de V. M.ce de/zejando-lhe saude e maiores felisidades p.a se servir / da minha vontade. D.s G.e a V. M.ce muntos ann.s.

De V. M.ce

Attento V.or e Criado

(ass.) Vicente Joaq.m de Macedo.

*

Ill.mo Sn.r Cap.am Joaquim Antonio Alves.

Itapocoroya 27 de 8.bro de 1817.

Vou responder as Estimadisimas Cartas de V. M.ce de 2 de Julho / e 6 de 8.bro. Fiquei m.to satisfeito pelo aumento que V. M.ce / fas ao meu ordenado que lhe escrevo m.to agradecido. Benerão / se as Lanxas no p.ro de Junho e forão p.a o mar e incalharão / a 2 de 8.bro e sempre com bom tempo q' foi o pior, pois p.a serem/as pescas boas devem aver ventos do Sul fortes e hiso he que / Faltou, de Forma q' aqui som.te se matarão 4 B.as e na Ilh.a / da Graça 6, e por mais deligencias q' fizesem as lanxas / não puderão fazer mais nada. Aqui SerreColheo a / Sumaca Fama Ma.m Miguel Gonçalves dos S.tos com 4 dias / de viagem e assim mesmo morreo hum Escrº Maxo e huma / cria q' chegarão som.te 36, ao cabo de dois dias morria hum / maxo e das 38 cabezas q' V. M.ce remeteo exzistem 35 e se / vay cudando (sic) em alguns q' estão doentes, pois huma Escr.a / nasão Moxi Conga com cria não sei se escapara porque sea/cha m.to debil. Leva a dita Sumaca 120 diferentes / vazilhas daqui cheias de Az.te Com 14 mil novecentas e vin/te e oito medidas E 2\$000 Barbatannas. Da Ilh.a da Graça 11\$416 medidas em 74 Diferentes Vazilhas que / prefas tudo em 26\$344 Como Consta do recibo

asinado / pelo dito Cap.m. Os Escravos Mosanbiques q' V. M.ce tinha / remetido vão hindo bem e hera melhor gente do que estes que / agora vierão, mas com o tempo se hirão expertando. / Nesta / oCazião remeto a lista dos pertences q' se Caresem p.a a pesca / de 1818 q' V. M.ce deve na pr.a ocazião mandar os pregos e verrumas / q' peso p.a se hirem aprontando as Lanxas. A carta para / o Cap.mor Logo a remeti E fico certo em mandar emComendar / os remos q' V. M.ce pede pois hade Custar vencer tantos remos / pois q' daqui remeto todos q' se presizão p.a Santa Catt.a / pois a mayor parte da gente q' tirão remos coaize todos handão / fugidos, por medo das recultas, mas em acabando Logo / han de aparecer, e se ande aprontar. Suposto q' na / Lista dos generos q' peso não pedi sera p.a o gasto da / Capela V. M.ce a mande.

Aqui fico a dispor / de V. M.ce dezejando-lhe Saude, e as mayores felicidades p.a Se Servir da minha vontade. D.s G.e a V. M.ce m.s ann.s.

De V. M.ce

Munto attento V.or e Cr.o

Vicente Joaq.m de Macedo.

*

Ill.mo Sn.r Cap.m Joaquim An.to Alves.

Arm.cam da Bertioga 8 de Junho de 1817.

Muito meu respeitavel A.mo e Sn.r a 16 de Mayo / ultimo, tive a satisfação receber 2 estimadissimas cartas / de V. S. de 28 de Abril, 8 de Mayo, a pr.a vinda pelo Bre/gantim Triunfo, a 2ª pelas Lanxas da pesca desta Ar/mação que se recolherão todas felism.te. Recebi tudo / q.to V. S. remeteo pelo Bragantim Triunfo p.a p.a forne/cim.to desta Arm.cam constante na lista aSignada pelo Seo M.e vindome a faltar a ferrage que foy aCom-Sertar, / que vem a Ser 4 Cutelos do Asogue, 12 facas de Sima da / Balleia, 12 d.as da chacota, aSim mais 20 Remos de Lanxa que pedi, porem estes o Adm.nor da Arm.cam de S. Sebas/tião a remediou com 25 Sedendo-lhe eu tambem hu / virador novo de piaçaba de 9 polegadas, p.a virar as Ballei/as, naquela Arm.cam de que avia falta. Recebi os 8 escr.os Ma/xos, duas Femias, todos m.to bons o chamado Salvador / chegouou m.to doente com hu tumor em hu Joelho, q' Já suporôu; porem inda está com rosto e peis inxa/dos, o qual se está tratando com todo disvelo as d/as Negrinhas ficão aprendendo a doutrina p.a Se Ba/tiar, e Cazar

com algu escr.o de Merecim.to. A 23 de / Mayo Se deo principio a pesca de Balleias, e ao p.ro do / corre.te espedi 4 lanxas de Balir.os p.a a pesca na Barra / gr.de de S.tos 2 Savr.os p.a comduzir tou.co 14 Escr.os hu fei/tor, p.a aLi Fazer o Ser.vo ficando nesta Bertioga outras / e Lanxas de Balir.os p.a Continuar a pesca q' Ds' queira / abençoar, p.a gosto meu, e emterese de q.m tanto despen/de: a deligencia da m.a parte, em aplicar os Balir.os e / comserva-los em boa Orde (que não dão pouco q' fazer) e aproveitar o que D.s der, pode V. S. descanssar na Ser/tea de q' zelo Como proprio (?). Emcluzo remeto a V. S. a m.a conta anual desta Ar/mação na mesma se vê ficar em meu poder a q.ta R.s / 206\$020. Igualm.te remeto a V. S. 22 reços que ligalیزão / a d.a m.a Conta; aSim mais 6 cartas com reços por / onde Se verifica a remessa q' fis de 1: 321 md3. de Az.e / p.a a Real Fazd.a de S. Paulo, cuja não quis pagar / Sem prez.te, Condiçons. Tendo apurado as Borrás / de Az.e que avia nesta Arm.cam mandei no principio / deste mes p.a a V.a de S.tos para aLi vendido, pois po/dia chegar até novas Balleias; e porque o povo achôu / algua impori.de por ser restos, foy tal o motim e in/sultos ao Caxr.o ponde a elle e a Mim, de ladrão pa/ra baixo, que aSentei em mandar fixar o estanque / até aver novo Az.e parteçipando p.ro aos Magistrados / da terra omotivo da m.a mudança, e oparteçipo tambem / a V. S. para que no Cazo de Alguã queixa Isiba o mo/tivo.

Nada mais tenho que participe a V. S. / tendente a esta Arm.cam Dezejo que V. S. Se ComServe / bem vigoroso, e que o Çeo lhes proporcione m.tos annos de vida / p.a satisfação e gloria de quem tem toda onrra Ser

De V. S.

Sudito m.to Seo Ven.or e C.

João da Costa.

*

Ill.mo Snr Cap.m Antonio Als.

Meo S.or com a xegada do bargantim reçebi tudo quanto V. S.a mandou / menos os Baris de pao, Suposto veio na lista q' V. S.a me mandou porem diz o mestre / q' tal se não embarcou, e na verd.e na lista dele não vinha q' ele me deixava car/ne tão bem nas 150 ar' q' veio p.a a bertioga quebrou 8 ar'. e nas 100 q' veio p.a / esta caza quebrou 6 ar. e tudo foi pezado a vista da Sua gente, e me não veio o / virador q' mandei pidir e nem hua

amarra q' pidi, porem como deste genero / vieram p.a a bertioiga duas de cada coisa duas aqui tirei hum virador, e hua ama/rra porq' sem hiso não poso fazer a pesca e dei disto p.te ao Snr' João da Costa / q' asim tinha obrado e q' se ele percizase com efeito de todos q' me avizasse p.a / eu escrever a V. S.a pindindo-lhe outros, tãobem me não veio as velas p.a, as / Lanxas q' Se perciza m.to q' estam sem elas e os baleiros ficarão ardendo q.do eu lhes fis ver q' não veio, porq' sem elas não podem hir ao mar, tãobem / me não veio a duzia de feixos q' mandei pidir p.a Segurança do tezouro desta / casa q' esta m.to ruim as portas dos tanques, com os pregos competentes p.a / as pregar, as fexaduras q' vieram não Serve nihua delas p.a o paiol / por m.to piquenas e fracas, portanto, dezejo q' V. S.a me mande hua fexadura / g.de e de boa xave p.a o d^o fim, a espingarda tãobem não veio, hua coisa / q' não pode estar casa sem ela por m.tos motivos o q' tudo espero com a ^o maior brevi.de pussivel o bargantim teve gr.de demora dela p.a ca porq' xeg/ou num dia e descarregou no outro e ontem sahio de manha e a meia noite / me xegarão as Lanchas de la q' por elas hoje mandei p.a a bertioiga tudo menos / a carne q' não quis mandar pelos baleiros por ser hum genero q' a todos / fas bem, e neles pouco escrupulo ha e pasei avisar o S.or João da Costa que / aqui se axava a d.a carne pa, se mandar buscar ou demorar hum pouco / emquanto eu a mando, já estou com o tanque pronto q' com efeito / estava notodo m.to danificado, hoje comclui apuxada do gr.de coxo da xacota que / o pus no Seo lugar graças a Deos sem o menor perigo q' tanto temia pelo gr.de / tamanho como pela lonjetude aonde estava...emq.to a resp.to da carta que / os Escravos escreveram a V. S.a a meo respeito, me não posso a capasitar q' seje / obra deles, e antes creio q' eles estão m.to inocentes, porq' se de alguma couza diz — forão / por mim resgatados foi da fome q' padecião como ja a m.to q' fis ver a V. S.a que / não axei no paiol hum só prato defarinha e isto em mim hão he desculpa / he a mesma verd.e e deos permita ajudar aquele q' tanto bem me dez.a porq' a / m.a inosencia o mundo a justificara quando deos for servido... fiquei m.to com.te / com os Escravos, porq' na verd.e tenho m.to servisso nesta ocazião e V. S.a não com/pre p.a ca negras porq' hé hum genero que vem Sempre prenhes ou pa/ridas servisso m.to pouco, e a rasam emfalivel, cuja botei a hum feitor / fora por por vir ate cumer com os negros tomar tabaco na buseta deles e dar / a eles da sua alem disto vivia amancebado com hua crioula desta casa / meti em lugar deste a hum f.o meo porq' este quando me andar torto voulhe / ao espinhaço com vont.e o outro q' me ficou emthe agora m.to me

tem a/gradado hé hum home casado e vive m.to bem com Sua mulher hé fiel / e m.to delig.te, este me di q' se V. S.a lhe quizer largar hua Escrava destas que / agora xegarão aqui q' ele m.to desejava p.a Sua mulher, porem quer hisso / com alguma atensão porem tudo sem perjuizo a V. S.a... eu m.to me alegrarei / saber q' V. S.a ja esta restabelecido a Sua antiga Saude pois me não faltou / coidado de Sua pesoa com a not.a q' me mandou dar o Montr.o, eu nestes dias / pertendo botar as Lanchas ao mar deos permita haja bons Peixes p.a Se ma/tar que espero em noSnr. (sic) hua boa feleci.de na pesca porq' me tenho apron/tado e me estou aprontando com gr.des esperansas de a fazer / bem boa e no mais aqui fico pronto p.a tudo quanto seja do agrado de V. S.a / a q.m deos g.e por m.s an.s Armasão 14 de Maio de 1817.

De V. S.a

Seo m.to atencioso e verdad.ro cr.o

Ignacio Joze Per.a Coitinho.

à margem: Se V. S.a mi quizer / mandar a propria carta q' lhe escre/verão os Escravos daqui / hé bem bom porq' / pela letra bem se pode / conhecer sobre algum dos feitores ou vizinho / Do contrario nada se pode / descobrir.

*

Ill.mo Snr. Cap.m Joaq.m Antonio Als'

Armação de S. Se.bam 1º de Outubro de 1817.

Meo respeitavel S.or Apezar de me propor com toda prontidão p.a a pesca / como V. S. he sabedor e andarem as lanchas no Mar desde Maio me não foi possivel / fazer hua bunita pesca p.a com ela utilizar a V. S. como eu desejava, porem estou certo / q' V. S.a bem conhesera a pronta delig.cia q' fis a hese resp.to e como com efeito não aparece/rão as Baleas e nem entrarão por causa do m.to bom tempo q' fes, sendo que nesta / Armasão carese haver tempo m.to, ruim e q' vende do Sul m.to forte, faltando / estas duas couzas todos me dizem q' he certa a pesca falhada e portanto só se matarão / 3 Baleas e hum Gibarte, q' com todo pejo e temor participo a V. S.a Remeto nesta ocazião / a conta da dispeza q' se fes. Eu recebi tudo q.to V. S.a me mandou constante do conhecim.to e o q' pertencia a Bertioiga fis logo húa pronta remessa segundo a Sua ordem, nesta o/cazião vão as 3 Lanchas duas de Socorro e hua de Arpoar da qual he Temunero An.to / Cardoso, este me pede q' Eu rogue a V. S.a

p.a q' ele volte com a Sua Lancha outra ves p.a / ca cuja Lancha so ocupou dois remeros de fora e os mais todos sam moradores daqui / e por dois q' faltam p.a o tempo aqui mesmo Eu os poso aprontar p.a emteirar a d.a Lx.as / e não ser perçiso ele hir buscar a Lancha ahesa ci.de q' he gr.de trabalho p.a o pobre e os rem/eiros q' de la vem no cumum me fazem como fizerão 4 q' logo andarão logo em fu/gir e anthe hoje não apareserão, portanto eu dezejo m.to q' V. S.a me fasa favor man/dar voltar a d.a Lancha p.a ca com o mesmo Timonero. Nesta Armasão axo hum gr.de / numero de Barbatanas q' me dise o meo antese-sor q' hera do contrato e não de V. S.a comtudo / dezº saber se são ou não de V. S.a porq' Se forem Suas quero cuidar em mandalas lim/par porq' Siguram.te as não Limpam hum anno por ser porsão gr.de emq.to as q' axei do / Manoel Pinto ja as mandei limpar e estão prontas p.a remeter na prim.ra ocasião / q' ouuer, aqui ha nesta villa hum Serurgião q' me diz hê desta casa porem mora / atual na V.a e quer q' Eu lhe pague a Sua Soldada anoal e diz me o mesmo q' não tem re/medios pertensentes a esta Armasão Sendo q' me consta q' quando ele sahio de mudansa / p.a a V.a Levou daqui hua Botica q' havia com todo o Seo per-tense, vem dezendome a/gora q' a Butica pertensse a João Rois q' he p.a curar os Escravos do mesmo que a/qui tem em hua faz.da xamada Sombrio como mostro do bilhete incluso p.a V. S.a / ver e disidir o q' lhe pareser Sobre isto. E desde que xeguei aqui Som.te lhe mandei / hua Escrava q' estava com hum peito m.to arruinado e se lansetou-lhe o peito / e nada mais, e alguns remedios q' tenho percizado p.a casa tenho mandado comprar / a Vila da terra e portanto espero a Sua decizão se lhe devo pagar. Este ingenho / esta na verd.e bem careçido de conserto porq' tudo q.to he porta esta podre, e o cais bastm.te / arruina-do, este comcerto eu o não poso Sem fazer dispeza porq' pende de carpinteiro / o pedreiro, e deses dois officios não tenho hum só Escravo q' saiba, aSim poso poupar algumas madeiras q' pelos Escravos mando tirrar (sic) e paos a pique ripas e outras / coisas aSim Som.e e nada quero fazer Sem o Seo beneplacito e como vejo a nu/merosa dispeza da far.a tenho já plantado hum grd.e Mandioccal q' só de milho / por sima da d.a Mandioca plantei hum alqr.e a tres granos em cada cova e ja / estou com outro entre mauns p.a o plantar, e creio q' se D.s permitir que eu / veja a d.a Mandioca madura q' tão bem verei nese anno V. S.a não ter de dispeza / hum só vintem com a far.a os Negros desta casa não trabalhvão e hoje / os estou fazendo trabalhar na plantasão e do-brado pertendo na carpissão / p.a o q' nececito m.to q' V. S.a pela Lancha q' voltar me mande sem falta 10 / Inchadas p.a os d.os

negros, q' sei q' isto nada agrada a eles porem eu não poso / ver
Escravos vadios, e o q' Sinto há a gr.de Seca q' tem havido p.a a
prem.ra que / plantei porem sera o q' D.s for servido, Eu vou
continuando na planta; Eu / axei isto em hu m.to mao governo
porq' quantos querião aqui vinhão plantar / nas terras desta Arma-
são, e com o titulo de plantarem devassavam-me esta casa / e
furtavão hus dos outros a mandioca e pasavão a dar o titulo de
ladrão aos Escra/vos, portanto tireios deste abito e pose em q'
estavão e p.a me livrar de alguns em / empenhos a este resp.to
me valí do nome de V. S.a dizendolhes q' tinha hordem / Sua p.a
não deixar plantar nas terras, e anteendo eu q' poderão por la
hirem / alguns empenhos peso a V. S.a q' os não admitta porq'
m.to me hade doer ver os ladroens / estarem cumendo aquilo q'
em constante trabalho estou plantando. Tãobem / stavão os
gr.des do pais de pose de tudo quanto havia nesta casa, de cabos
de cordas / de Breo e alcatrão e ferram.tas, emfim de tudo, de
modo q' me não podendo acostu/mar a estas querelas e me vendo
Louco com os piditorios athe de Escravos p.a traba/lharem em
suas casas, asentei em hua palavra não servir como eles querião /
e em hua palavra em nada não tem estado isto agradável aos mo-
radores porque / se lhes cabou esta maminha, mas sendo isto do
agrado de V. S.a mande-me q' / prontam.te lhe hei de obedecer e
se lhe faço ver destas couzas he porq' a V. S.a pertence / saber de
tudo quanto aqui Se paça Eu nestes para de dias pertendo meter
Negros ao / mato Serrár Taboas p.a comserto das lanchas p.a o
Anno p.a estarem secas e prontas / assim como tãobem quero vir
se mando serrar alguas q' sirvão p.a as portas do /Emgenho e
outras madeiras percizas p.a a Caza, V. S.a não dezanime com
a pi/quena pesca porq' pode D.s' p.a a outra nos dar então m.to
porq' a ele nada / hé empusivel, Eu p.a a futura já estou com
m.ta lenha dentro do Emgenho / em tudo sempre hei de mandar
tirar mais, estimarei q' V. S.a e tudo quanto he seo / gozem da
mais perfeita saude p.a gloria de quem tem a honrra de ser

De V. S.a

O Mais atencioso o Seo obr.mo Sudito

(ass.) Ignacio Jose Ferr.a Coitinho.

*
* *

INTERVENÇÕES.

Do Prof. *Macário Antônio dos Santos* (FFCL-Ribeirão Preto. São Paulo).

Pergunta:

1). — Se êste trabalho prestado nos postos baleeiros não seria “tipicamente de escravo com laivos de liberdade”?

2). — Como denominar de trabalho livre uma mão-de-obra recrutada à força, alistada e escalada para o trabalho da pesca de baleias, à sua revelia (pág. 305); mão-de-obra esta que embarcava temerosa da prisão, quando não, recrutada no próprio cárcere?

3). — Trabalho assalariado — sim, existia até uma tabela de salários aos diferentes cargos numa lancha destinada à pesca de baleias. Pergunta qual o salário do arpoador, dos remeiros, dos timoneiros, caso a safra de baleias não fôsse compensadora?

4). — Qual a possibilidade de realização econômica dêste trabalhador livre — no caso de uma safra altamente expressiva?

•

Do Prof. *Corcino Medeiros dos Santos* (FFCL-Marília. São Paulo).

Declara, em primeiro lugar, que quer cumprimentar a Autora por ter demonstrado que atividades menores, como a pesca da baleia, são importantes para a elaboração de uma História Econômica Geral e do Brasil.

A sua intervenção tem por objetivo, a guisa de informações, fazer com que a Autora dê um pouco mais daquilo que conhece. Assim, pergunta:

1). — Os escravos não eram empregados nas atividades marítimas somente para serem poupados ou também por serem tecnicamente menos aptos para essas tarefas?

2). — Qual o número de trabalhadores livres e escravos empregados em cada *armação* nos períodos de safra e de entre-safra?

3). — Qual a relação qualitativa e quantitativa entre a mão-de-obra e a produção?

4). — Que pessoal compunha as equipagens dos barcos de transporte de azeite ou de peixe?

•

Da Profa. *Maria de Lourdes de Lima Ramos* (IFCH-UFP. Recife. Pernambuco).

Solicita da Autora informação no sentido de esclarecer se os cristãos-novos portugueses que saíram do Brasil e que participavam da indústria de velas na América do Norte seriam os mesmos de Pernambuco após a Guerra Holandesa (1630-1654)?

*

* *

RESPOSTAS DA PROFESSORA MYRIAM ELLIS.

Ao Prof. *Macário Antônio dos Santos*.

1. — Diz que a simples leitura da comunicação (*Escravos e assalariados na antiga pesca da baleia*) esclarece a questão do trabalho realizado nos entrepostos baleeiros do nosso passado colonial, árduo, penoso, estafante, mas nitidamente dividido entre a mão-de-obra ser-vil e a assalariada.

Casos de dívidas dos baleeiros para com as Armações, decorrentes de adiantamentos sacados sobre as tarefas a que então se obrigavam a realizar no ano seguinte, bem como casos de recrutamento à força de gente de cárceres e milícias não implicam, em absoluto, na generalização que o interpelante alude.

2). — A mão-de-obra recrutada à força era a que cumpria pena nos cárceres ou participava das milícias. Sua transferência para a pesca da baleia não a colocava no *status* do escravo propriamente dito. Era apenas uma transferência de castigo e de serviços. Os milicianos eram homens livres. Os presos, uma vez cumprida a pena eram libertados. Ainda. Não poderiam furtar-se a participar da pesca das baleias, a que seriam coagidos pela administração do contrato, todos os homens aptos a exercerem funções de remeiros, timoneiros, arpoadores. Mas, *mediante remuneração*.

3). — Conforme explica a comunicação, os baleeiros ganhavam na proporção das baleias arpoadas e mortas durante a estação de pesca.

4). — Melhor seria especificar qual o trabalhador. Nas Armações existiam vários tipos para os mais diferentes misteres em terra e no mar. Dados sobre a remuneração dessa gente, extraídos de documentação inédita, encontram-se na presente comunicação.



Ao Prof. *Corcino Medeiros dos Santos*.

Afirmou que:

1). — Nem sempre foram os escravos tènicamente menos aptos às atividades marítimas da pesca da baleia. Na Bahia, especialmente, teriam sido mais amplamente aproveitados no mar do que o foram nas Armações meridionais do Brasil. E' o que sugerem as crônicas e os documentos. Nos entrepostos baleeiros do sul do país, se foram, de preferência poupados às lides marítimas, por questões de economia, não foram totalmente impedidos de participar das pescarias.

2). — Quanto às perguntas 2 e 3, assunto de sérias cogitações por parte da Autora da comunicação, infelizmente ainda não foram encontrados elementos documentais quantitativos que permitam respondê-las.

3). — Quanto ao pessoal que compunha as equipagens dos barcos de transporte de "azeite de peixe" — para Portugal, evidentemente — é assunto sôbre o qual nada encontrou a Autora em sua pesquisa. Seria necessário um estudo paralelo e especializado sôbre a matéria, com ampliação de buscas até os arquivos portugueses.



À Profa. *Maria de Lourdes Ramos*.

A Autora da comunicação não se preocupou com êsse problema durante a pesquisa sôbre a pesca da baleia no Brasil. Aproveita a oportunidade para citar o trabalho de Dauril Alden, *Yankee Sperm Whalers in Brazilian Waters, and the decline of the Portuguese whale fishery (1773-1801)*, publicado na revista *The Americas* (Janeiro de 1964, volume XX, n.º 3, pág. 267), no qual o autor focaliza a figura do judeu português Aires Lopes, estabelecido em Newport nos meados do século XVIII e homem de grande prestígio econômico e social, um dos primeiros fabricantes de velas de espermacete da Nova Inglaterra, matéria-prima essa cujo mercado controlou juntamente com seus parentes.